Anno XXXII -- N. 7 Preço 1$200 31 de Janeiro de 1931

Alegria absoluta

além do perfume "Tosca" a dama elegante se deliciará com os sortimentos "Tosca" de cremes, pós etc., agora impregnados com o mais distincto dos perfumes, pois de cada sortimento emprestará maior valor ao seu toucador, fazendo resaltar encantadora e efficazmente — "une harmonie véritable de la toilette".

DESENHO · REGISTRADO ·

(424)

Visitem as lindas Exposições dos productos "4711" nas casas da **Perfumaria Lopes S. A.** — Av. Rio Branco, 143 — Rua Uruguayana, 44, e Praça Tiradentes, 56 e 58; e, em S. Paulo, Rua Direita, 20.

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1931** | **NUMERO 7**

HAVIA já muitas mãos de lua que se prolongava aquella fugida pasmosa pelo rio abaixo, saltando cachoeiras, cortando valles, vendo igarapés, esmagado pela aventura theatral da viagem.

Si elle soubesse, de certo não teria commettido contra Pizarro, seu protector e amigo, a perfidia que o riscara da confiança merecida por tanto tempo ao espirito do caudilho.

Emfim, o que estava feito não tinha mais remedio.

O melhor era affrontar os perigos daquella travessia accidentada e barbara, a ver si realizava qualquer cousa de dramatico e inexcedido naquella difficilima excursão.

Dominado por esse pensamento, d. Francisco de Orellana, de posse da barca famosa cujo commando lhe fôra confiado por Gonçalo Pizarro, desembocou num grande rio de que ninguem até então lhe déra noticias.

Sua espectativa era agora excedida pelo formidavel painel hydrico que se lhe deparava.

Agora, sim, via-se senhor de um descobrimento e tinha a revelação de um verdadeiro e novo mar.

Absorvido pelas idéas grandiosas que o empolgavam, o famoso explorador não dormia, contemplando como um enamorado aquelle lençol dagua desconhecido dos cartographos e que parecia uma dadiva da providencia á sua delirante ambição.

Muitas horas ficou assim, contemplativo e subjugado, a admirar o proprio isolamento, cercado pelo céu e pelo mar.

Afinal, exhausto de distender a vista por aquella extensão indefinida, foi a pouco e pouco adormecendo na fadiga e no amollecimento natural do solitario.

E o romance começou a apparecer.

Approximando-se de uma das margens do rio, o caudilho viu-se de repente cercado por um bando de mulheres novas e lindas, arrojadas e fortes, em tudo eguaes áquellas de que havia memoria na Asia e na Africa, e de que estava cheia a historia mythica dos gregos.

Lembravam a imagem daquellas creaturas aladas que comprimiam e queimavam o seio direito afim de atirarem com o arco mais facilmente e que se perpetuavam por um commercio calculado e astucioso com os homens dos paizes vizinhos, devolvendo-lhes os filhos varões.

Vinham defender naturalmente aquelle valle ameaçado pelo olho cobiçoso do extrangeiro.

E o ardente e imaginoso espanhol, reunindo todas as forças de que dispunha, pôz-se a combater a tribu das icamiabas, distribuindo estocadas aqui e ali, ferindo, amedrontando e conseguindo, depois de renhida luta, dispersar a valente legião feminina.

Mas quanto não lhe custára, em sacrificios e coragem, o arriscado e duvidoso duelo!

A manhã vermelha, lastrando de claridade o espaço e as aguas, sacudiu num estremecimento o famoso explorador.

Abrindo os olhos, elle viu novamente a extensão verde das margens e hesitava entre o sonho e a realidade do combate.

Chegando ao valle, povoado de cabildas e ranchos, começou a indagar aqui e alli se tinham visto passar um bando de mulheres assim, com vestidos longos, casaquinha justa abotoada na frente, chapéu de seda com fita larga cahindo sobre a costa e com as quaes tinha batalhado arduamente na noite anterior.

Fazendo-se entender pelos naturaes, indagava delles si não tinham visto, em seu galope romanesco, o bando das icamiabas.

E a gente rustica, ora duvidando do juizo e da pergunta desse imaginativo turbulento, ora levada pelo proprio amor ao maravilhoso, respondia-lhe com ironia ou com deslumbramento:

— Sim, passou por aqui de madrugada.

— Sim, encaminhou-se para o lado das cabeceiras.

— Sim, vai descendo o Rio Negro.

E ainda:

— Subiu a serra de Paituna.

— Está no Jacy-Uaruá.

— Foi para as cachoeiras do Jamundá.

E assim, na controvertida informação dos incolas, deslumbrados ou divertidos com as perguntas do explorador, adquiriu Orellana a certeza de ter visto e de ter combatido o bando de mulheres guerreiras e de lhes ter dado segurissima peleja.

E annunciou por todo o valle a presença daquellas heroinas que dormiam no fundo dos lagos, escaldando a imaginação do gentio com a noticia dessa tribu aguerrida.

Na selva dominadora, buscava assim o aventureiro illuminar a sua solidão, arrancando do desconhecido a caravana lendaria que decidiria de sua presença no mundo verde e barbaro.

Quem não lhe comprehenderia a intenção caprichosa e o sonho obstinado? Quem iria extinguir no berço aquelle formoso plano de aventuras, destroçando o galope imaginado com tanto risco através da floresta, entre frondes de castanheiras, crajoatás floridos e baunilhas aromaes?

A lenda, amamentada pela crença, foi augmentando, crescendo e tomando feições novas. Enredou-se nos fios da enleante astucia indigena. As mulheres, solitarias no fundo dos lagos, attrahiam para ali, em certa época, os homens desprevenidos e ávidos, restituindo-lhes depois a liberdade e devolvendo-lhes os filhos varões.

Enfeitiçados pela suggestiva patranha, os naturaes conceberam na selva os episodios de independencia e de amor. E, para authenticarem o sonho de Orellana, puzeram-lhe o friso da tradição nativa, adornando-lhe a imagem com os brincos trazidos do berço, — aquella pedra verde, humida e lendaria que seus avós encontraram no leito inquieto dos rios...

Medo de saber

conto de Edmond Sée

Aos cincoenta e oito annos, de repente, Fernando de Venoges foi acommettido duma crise de appendicite e transportado a toda pressa para uma casa de saude, afim de ser operado. Infelizmente, era tarde. E, após alguns altos e baixos da molestia, chegou-se á conclusão de que Fernando "não escapava". Já elle proprio não tinha a menor illusão. Por isso mandou chamar sua prima, a senhora Hourticque — unico parente que lhe restava além de sua mãe que contava oitenta e quatro annos e, paralytica, retida em casa, ha muito parecia condemnada a um fim imminente — e communicou-lhe as suas ultimas vontades. Deixava tudo o que possuia a sua mãe, senhora de Venoges, mas exigia que ella ignorasse o desapparecimento do filho bem-amado.

— Tu comprehendes... articulou com esforço o moribundo, apertando nas mãos febris as mãos de sua prima. — E' preciso, a todo o custo, poupar-lhe este desgosto horrivel, e comtigo conto para isso... Depois que eu morrer... amanhã, esta tarde talvez, continuarás a visital-a todos os dias, como até agora. Falar-lhe-has de mim *como se eu vivesse ainda*. E para te ajudar nessa triste missão (que certamente não terás de cumprir por muito tempo, dada a edade e o estado de saude da minha pobre velha) deixo-te uma série de cartas que consegui escrever *previamente*. Pondo-as por ordem e espaçando-as razoavelmente, irás entretendo a illusão da santa velhinha. Além disso, contar-lhe-has o que quizeres. Que quebrei uma perna em consequencia duma queda, que o medico exigiu a immobilidade e assim eu escrevo por estar impossibilitado de sahir... Assim ella morrerá confiante, ditosa, sem saber... E eu morrerei antes della, socegado...

Alguns dias depois, tendo acompanhado os despojos de Fernando ao cemiterio, começou a senhora Hourticque a desempenhar a sua triste missão. Todas as tardes visitava a senhora de Venoges, falava-lhe do desapparecido como duma creatura viva, repetindo os seus ditos imaginarios, lendo uma ou outra das cartas que elle escrevera, relatando os progressos da cura. E assim no espirito da octogenaria, em vez de diminuir, ia augmentado a esperança de breve rever o filho, robusto e alegre como nunca...

Mas as semanas foram se succedendo, passaram mezes e a chamma vacillante que era a saude da senhora de Venoges não se extinguia... Ao contrario, parecia altear-se e tornar-se mais viva. E a fiel visitante começou a prever com ansiedade o dia em que a série de cartas se esgotaria e aquelle edificio de mentiras, tão cuidadosamente armado, desmoronaria. Já varias vezes a senhora Hourticque, surprehendida por certas perguntas, se atrapalhara, cahira em contradições... Aproximava-se a catastrophe...

E eis que, para maior complicação ainda, o tabellião encarregado da herança de Fernando de Venoges descobre no testamento um ou dois pontos litigiosos e para os resolver exige a assignatura da senhora de Venoges, legataria universal. Como obter que ella assigne, sem lhe revelar a morte do filho?

Houve a esse respeito longas e penosas conferencias entre o notario, o medico e a senhora Hourticque. E, não se podendo resolver as coisas doutra maneira, foi a excellente senhora encarregada de preparar cuidadosa, carinhosamente a velhinha para ouvir a verdade atroz e dar a assignatura indispensavel — se, depois daquillo, tivesse animo de a traçar.

Certa manhã, pois, apresentou-se lá em casa a senhora Hourticque e, com o coração apertado, a voz a querer fugir-lhe mas usando, em todo o caso, de mil periphrases e circumloquios dirigiu a conversação para a doença de Fernando que "soffrera uma recahida grave e passara a dar ao seu medico certos cuidados..."

Mas a senhora de Venoges tinha agarrado o braço da interlocutora e, com os olhos esgazeados de terror, interrogava-a imperiosamente:

— Mas que é? Que foi? Que queres tu dizer com essas pausas, essas reticencias? Está em perigo, meu filho?

— Não, não é isso! respondeu a outra, apavorada pela convulsão daquelle rosto junto do seu. Por isso eu te não queria contar... Começas a imaginar coisas!

— Bom, bom... murmurou a velhinha. — Eu logo vi que não podia ser eu logo vi... Seria demais, seria uma coisa horrenda, monstruosa — E em tom quasi de censura, quasi hostil: — Tu, tambem, exageras tudo...

E a senhora Hourticque apressou-se a mudar de conversa.

No dia seguinte, chegou um tanto inquieta, sem saber a maneira como seria recebida. Mas a senhora de Venoges não fez a menor allusão ao que na vespera entre ambas se passara. Nem sequer pediu noticias do filho. Mostrou-se como nunca confiante, optimista. E, cousa estranha, nos dias seguintes, com crescente extranheza da dedicada parenta, continuou a não falar nelle. A senhora Hourticque contou o caso ao medico, que viu naquillo "um pouco de senilismo". E combinou-se não insistir com ella, deixal-a em paz, na espectativa dum desfecho que infelizmente não podia tardar...

Uma noite, a senhora Hourticque, despertada pelo repique do telefone, correu para o lado da velhinha que encontrou estertorando no leito, em consequencia dum ataque de apoplexia. O medico declarou que ella devia morrer ao romper do dia e provavelmente sem ter recuperado os sentidos. Pelas duas horas da madrugada, porém, a velhinha abriu os olhos, relanceou-os em torno como á procura de alguem e, reparando na prima, proferiu a custo:

— Estás ahi?... Aproxima-te... Preciso de te falar... De te falar delle... de Fernando...

— Não... Vaes te fatigar! atalhou a senhora Hourticque, com a possivel energia.

— E' preciso... Escuta... Fernando... morreu, não é verdade?

— Que ideia! Estás doida! Juro-te...

— Não jures... Eu sei... Ha muito que eu sei...

A esposa — Quem é esta mulher? Olhou-te como se te conhecesse perfeitamente...

O marido — Não faças escandalo, querida. Imagina que amanhã tenho que lhe explicar, a ella, quem tu és!

— Como assim?

— Naturalmente... Pensavas que eu estava cega ou pateta de todo? O que eu não queria... o que eu não queria era *ouvil-o* da tua boca... Fingia não comprehender, ignorar... Parecia-me que, emquanto o desastre terrivel não fosse *contado por alguem que tivesse certeza delle*, nada em rigor acontecera... ou antes... podia haver esperança de que nada houvesse succedido... Na minha edade, fica a gente tão timida, tão receiosa... Tem-se tanto medo... Comprehendes? Soltou um suspiro do fundo da alma.

— Agora porém, acrescentou ella, agora que *isto* vae acabar de vez, preciso de saber com certeza. E' verdade, heim? Meu filho morreu?

A senhora Hourticque fez com a cabeça um ligeiro signal affirmativo.

— Ainda bem... Ainda bem... Obrigada!

Ficou um momento calada e depois, como se respondesse a um pensamento secreto, murmurou:

— Tão bom, o meu Fernando...

E finou-se serena, suavemente, tendo nos labios um sorriso de gratidão para com o filho estremecido...

O joven marinheiro — Esta horrivel tempestade não o incommoda?

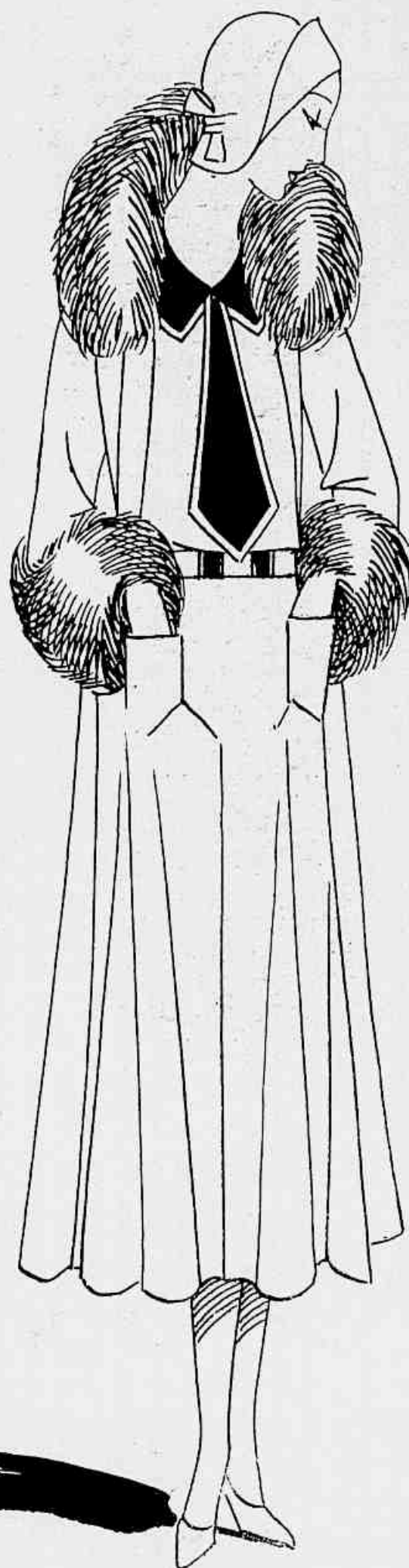
O velho marinheiro — Que tempestade?

Cronica de Paris

PARECE, encantadoras senhorinhas, que a moda nova está a preoccupar-vos. São tantas as mudanças que vos inquietam, que perturbam os vossos habitos, que estaes apprehensivas, pensando de que maneira resolvereis o problema da vossa elegancia quando terminar a estação em que nos vemos.

Não vos preoccupeis. As cousas accommodam-se por si mesmas, e ireis demonstrar mais uma vez habilidade e adaptabilidade.

A vossa silhueta já mudou; o vosso aspecto já se modificou. Quem accreditaria que poderieis usar tão graciosamente o vosso vestido comprido, dar ao vosso andar um rhythmo novo, cumprimentar, dansar, atravessar um salão com passo majestoso, como se jamais tivesseis usado senão esses vestidos longos, que chegam até ao chão?

Conjuncto de crepe setim negro com bolas beige claro. Grande golla de *astrakan* negro, prolongando-se á frente.

Ensemble de *lainage beige*, guarnecido de raposa marron. O corpo é guarnecido de recortes marron. Saia com bolsos e godets.

O que soubestes fazer num abrir e fechar de olhos, para o caso de que se falou, fareis para o resto. Amanhã ficareis sabendo que é necessario usar graciosamente o regalo, supportar com valentia um cinturão um pouco justo e pôr os vossos cabellos quasi longos sob um chapéu minusculo. Já fizestes cousas mais difficeis e a historia do vestuario não será, acaso, apenas uma eterna transformação da esthetica feminina?

E, ademais, se a moda soffreu no fim do anno bruscas metamorphoses, estas não são tão radicaes que não se possa encontrar accommodações. Pelo contrario: ha facilidades de adaptações e tudo se dobra facilmente aos desejos de cada um.

Alargar um vestido não é cousa demasiado difficil, desde que se façam uns tantos *empiècements* á altura dos quadris e umas tantas incrustações diversas. Ajustar um corpo demasiado frouxo é simples, mediante um cinto ou uma guarnição de pinças no interior. São meios simples, mas pra-

Chapéu de *taupé* negro com borda de *taupé* fantasia.

Tailleur de *lainage* azul marinha, guarnecido de recortes e florido de azul e branco á lapella.

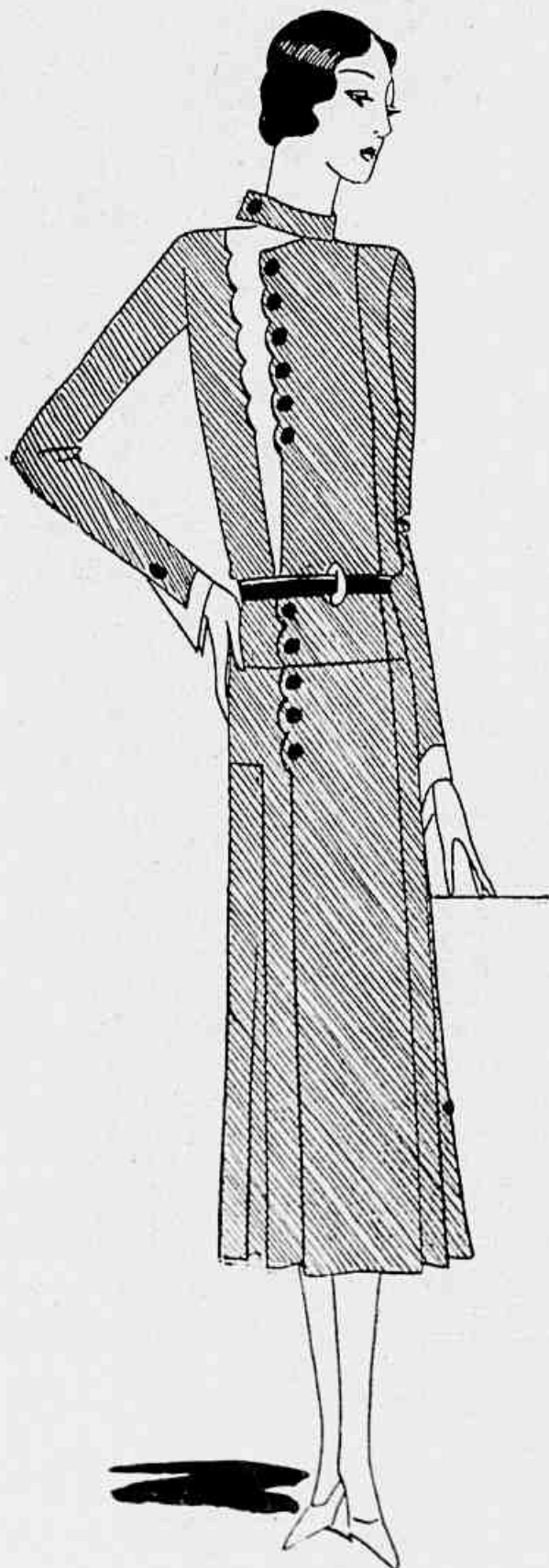
Toque de velludo negro drapé, guarnecida atrás por duas aigrettes.

ticos, que todas as mulheres sabem usar habilmente.

Se eu vos disser que o abrigo de arminho será a grande sumptuosidade para as sahidas á noite, não ignoro que se tratará de um luxo reservado a algumas privilegiadas; mas o abrigo pequeno ou capa póde ser executado em velludo ou coelho, trabalhados como o arminho e que dão o seu reflexo.

O abrigo para a tarde parece-me que irá ser, de todos os componentes do vestuario feminino, o mais difficil de realizar este anno. O abrigo recto, adornado apenas com uma gola de pelle, como usámos nos ultimos invernos, não corresponderá ás exigencias da moda actual.

Assim, dentro em breve iremos ter novidades extraordinarias no reinado da Moda.

X.

Vestido de crepe da China marron, aclarado por um *dépassant* branco no corpo e nos punhos. Botões e cinto de couro marron raiado de branco.

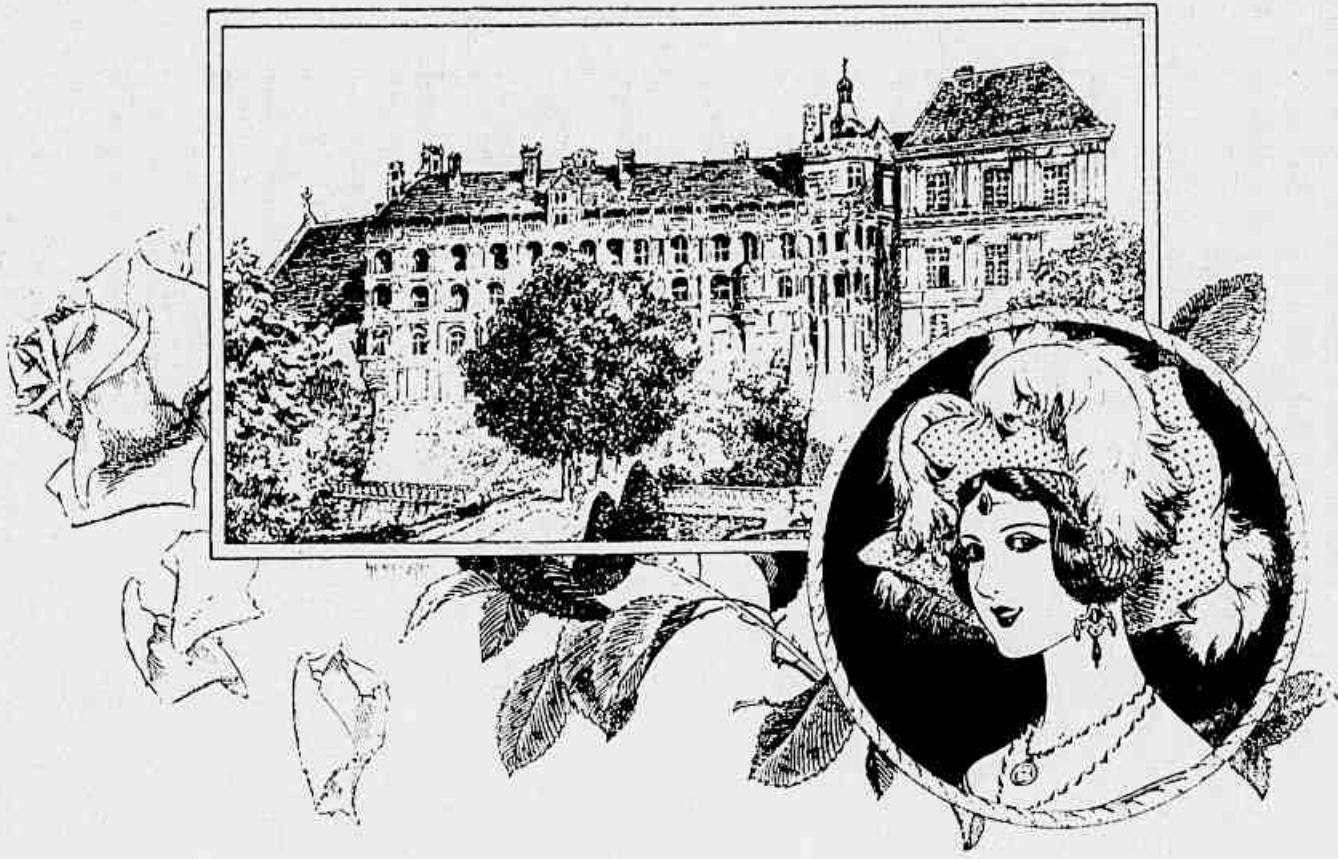
Vestido de *marocain* negro, golla de arminho e punhos sobrepostos de uma tira da mesma *fourrure*.

São quasi sempre amarellos, dum amarello sujo e baço que recorda as faces marfineas de alguns velhos. As janellas destacam-se num abandono preguiçoso. Muitas vezes sem vidros, e as antigas torres donairosas possuem, agora, um ar triste, um ar cansado, como se tivessem combatido e voltassem desanimadas desse penoso combate com o tempo. As portas conservam-se fechadas ou entreabrem-se, violentamente, agitando-se ao vento e á chuva como um ultimo protesto ao abandono, ao desprezo da gente moderna. Existe quasi sempre um parque a rodear, a proteger a decadencia dos velhos castellos. E torna-se tocante observar a luta da Natureza com o antigo esforço do homem. Muitos

annos atrás, o parque foi um motivo de orgulho para o espirito que o idealizou: teve ruas claras e odorantes, relvas verdes e macias, lagos formosos e altivos, cascatas mysteriosas, e arvores e flores desconhecidas que eram tratadas com o mesmo cuidado com que se pega num menino. Hoje, o velho parque é um misero leproso em que cada rua, cada aléa, grita e demonstra a chaga do seu tormento. Os lagos seccos exhibem uns immensos olhos patheticos e sem lagrimas. E em cada pedaço de terra brota uma flôr selvagem ou um arbusto vingativo. E' o triumpho pleno da Natureza, repellindo os artificios da civilização. De vez em quando, um velho lagarto espadana ao sol o corpo longo e esguio, num espreguiçamento de mulher amorosa e satisfeita ou com o mesmo prazer de um burguez contente ao admirar as terras de que é proprietario.

Dentro do velho castello, as paredes são núas e conservam, ainda, os furos com que os pregos as violaram. O chão prolonga a musica extranha dos nossos passos quando não oscilla ou produz o calafrio duma queda inevitavel. Os salões parecem enormes e atemorisantes, com as portas sem fechos e com os vidros partidos. E gosa-se a sensação de termos penetrado num tumulo, livre ainda dos caixões combalidos. Em alguns castellos guardam-se uns restos de mobilia, como a attestar que esses muros tristes já foram habitados, tambem. E a melancholia insinua-se em nós, pouco a pouco, até que produz um desejo furioso de gritar, de fugir, de nos debatermos contra a força poderosa do tempo.

Entre as paredes desses castellos antigos, existiu a vida, a alegria, o amor. Homens e mulheres soffreram ou sorriram ao sopro de um olhar enamorado ou de uma mágoa penetrante. Como no nosso tempo, existiu a tragedia, a mentira, o desespero, a felicidade e a esperança. Muitos foram felizes e indignos; outros, desgraçados e altivos. Entre esses quartos carunchosos e tristes, houve um quarto que foi o tem-

plo do mais leal amor. Uma mulher formosa ou feia — não ha quem diga serem as feias as deusas mais perfeitas do amor? — passeou alli a sua ansiedade de amorosa, arranjou os cabellos esparsos pelos dedos nervosos do amante, cobriu num gesto de pudor ou exhibiu, descuidada, as formas perfeitas do seu corpo, até que um beijo mais violento emprestasse ao velho quarto um silencio de capella. Hoje, nada o distingue dos outros salões desertos e melancholicos. Quem sabe se entre as ruinas desse castello abandonado não palpitam ainda as cinzas de um amante surprehendido pelo poderoso castellão? Quem sabe se uma creança adulterina não partiu dalli, numa noite de inverno rigoroso, occulta na capa escura duma dama ou no capote amplo de um cavalleiro mysterioso! Quem sabe, tambem, se o veneno ou o punhal não vingou uma affronta ou

não serviu de Providencia a dois apaixonados? Pena é que essas ruinas sejam tão aváras dos seus segredos!

Nas noites de luar, no velho parque abandonado, reflectem-se umas sombras esquisitas que podem ser a sombra triste do arvoredo ou a imagem dos deuses que adoptaram o castello antigo. Tudo se transforma, então: a luz, o castello, o jardim, as flores. Cada coisa adquire uma poesia propria, um halo de ternura envolve as velhas ruinas e empresta-lhes uma alma joven; um perfume estonteador e divino penetra na terra, no ar, no céu. Já não são amarellos os velhos castellos; têem a pureza immortal da recordação, a brancura calma e silenciosa das coisas que vibraram no Passado.

Beatriz Delgado

Vinte e quatro vezes ministro em vinte e quatro annos

A pasta das Relações Exteriores, no gabinete recentemente cahido, formado pelo sr. Theodore Steeg, foi pela decima quinta vez confiada ao sr. Aristide Briand, que assim pela vigesima quarta vez se viu elevado a ministro de Estado.

Eleito deputado em 1902, o sr. Briand recebeu a sua primeira pasta a 14 de Março de 1906, quando o sr. Sarrien o chamou para a Instrucção Publica. Tres annos depois, formava o seu primeiro gabinete, reservando-se a pasta do Interior.

Nos annaes da 3.ª Republica, encontra-se o nome do sr. Briand duas vezes na Instrucção Publica, tres na Justiça, quatro no Interior, quinze nas Relações Exteriores e treze na presidencia do Conselho.

De 1906 atè hoje, esteve o sr. Briand mais de quinze annos no poder e cinco annos na presidencia do Conselho.

Ao sr. Raymond Poincaré pertence actualmente o record *da duração na presidencia do Conselho, com seis annos e cinco mezes, menos dois dias. Mas o sr. Poincaré só formou cinco ministerios, o que o colloca immediatamente após o sr. Aristide Briand que formou seis.*

Cumpre notar ainda que, de 14 de Março de 1906 a 27 de Fevereiro de 1911, ou seja durante quatro annos e meio, o sr. Briand fez parte de quatro ministerios successivamente.

O mimo Rossi

Falleceu o mez passado em Turim, onde fôra de Milão visitar uma filha, um dos ultimos mimos do theatro italiano: Egidio Rossi.

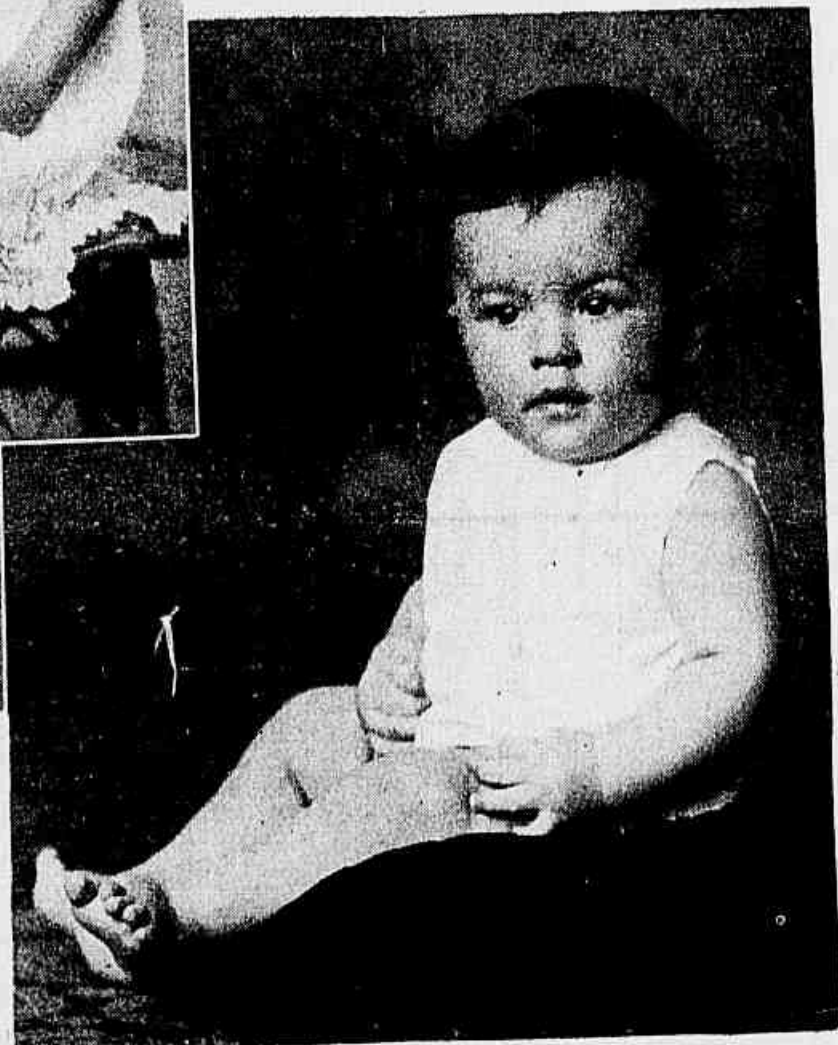
O artista, que contava cerca de setenta annos, levava ultimamente uma vida melancolica, reservado ao extremo, quasi sempre calado — naquelle silencio em que outrora exercera victoriosamente a sua arte. Tinha se estreado aos dez annos de edade, como alumno da escola de baile do Scala, de Milão. Fez numerosas tournées *pela Europa e America. O seu exito mais celebrado foi o que obteve em 1893, na* Historia dum Pierrot, *de Mario Costa.*

Foi um excellente mestre de dansa e da sua aula sahiram numerosas notabilidades. Foi elle quem deu a Izadora Duncan as primeiras noções das suas dansas exoticas. E teve tambem por discipulos varios artistas de cinema, entre elles Francesca Bertini e Amleto Rossi.

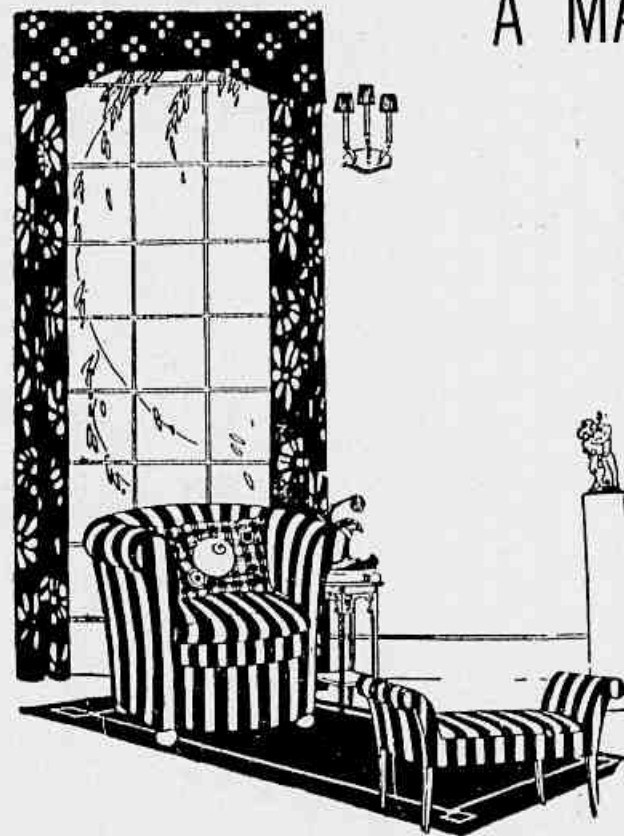
O baptizado do menino Isidoro Paulo do Amaral, nascido em 7 de Julho de 1924, filho do sr. Arlindo A. do Amaral e d. Maria Amaral, realizado em S. Paulo, na igreja da Penha, no dia 11, tendo como padrinhos o general Isidoro Dias Lopes e sua exm.ª esposa. Na primeira photographia vê-se o general Isidoro tendo á esquerda o sr. João Augusto do Amaral e á direita o dr. Gemeniano de Sousa; ao fundo, o sr. João Rocha França. Na segunda photographia vê-se o baptizando preso á mão do general Isidoro, o qual tem á direita sua exm.ª esposa.

CREANÇAS

Lourdes, filha do sr. Adelino Gomes da Fonseca e d. Alcinda Gomes da Fonseca.

Alene, filha do sr. Manoel Luiz de Souza e d. Alzira Dias de Souza.

Celso, filho do sr. Leopoldo Vieira e d. Helena La Scaléa Vieira.

Erasmo, filho do casal Zacharias Carneiro e d. Altina Carneiro.

Ao lado:
Luiz Claudio, filho do sr. Luis Borges e d. Hilmar Carneiro da Cunha Borges.

Dez mil contos de entorpecentes

As autoridades norte-americanas effectuaram o mez passado a mais vultosa apprehensão de estupefacientes até agora verificada nos Estados Unidos. Fai a bordo do vapor "Alesia, procedente de Stambul, que se descobriu, num caixão de pelles de agasalho, uma remessa dessas drogas, cujo valor ultrapassava um milhão de dóllares, ou sejam mais de dez mil contos da nossa moeda.

Não foi possivel — pelo menos nos primeiros dias — apurar por conta de quem era feito o enorme contrabando.

Esses venenos estão tendo, ao que parece, na America do Norte uma extracção como nunca tiveram, e isto devido á lei da prohibição das bebidas alcoolicas.

A distancia da Terra... ao Infinito

Informa uma correspondencia de Nova York que, bascando-se nos calculos feitos sobre photographias dos spectros da distancia ás nebulosas, photographias essas obtidas pela nova lente Rayton installada no telescopio gigantesco do Observatorio do Monte Wilson, os drs. Edwin Huble e Milton L. Humason avaliam a distancia da Terra aos "confins" do Universo em, pelo menos, 10.000.000.000.000.000.000.000.000.000 milhões de annos-luz.

O anno-luz é a distancia percorrida em um anno pela luz, cuja velocidade vae a 186 milhas por segundo.

O PIC-NIC AOS ITALIANOS NA GAVEA

Interessantes aspectos do *pic-nic* offerecido na Villa Lage, na Gavea, pela colonia italiana do Rio ao general Balbo, á tripulação da esquadrilha aérea e á guarnição dos oito torpedeiros ligeiros ancorados na Guanabara. Na photographia ao lado vê-se o general Balbo tendo á esquerda o sr. embaixador da Italia e á direita a senhora embaixatriz e o general Valle.

Olinda
DE FUZIL NA MÃO

POR MARIO SETTE

TÃO quieta, tão silenciosa, tão morna, quasi sempre, Olinda teve tambem momentos agitados, momentos de clarinadas militares, de movimentação de tropas, de expectativa de combates e, por fim, de alvorotamentos victoriosos, nessa quinzena que se extremou do 4 ao 24 de Outubro ultimo.

A revolução fel-a recordar e reviver os dias do seu passado guerreiro, numa saudade decerto pronunciada para os antigos mosteiros, as vetustas igrejas, as desconjunctadas fortalezas, todos esses aggregados de pedras erguidos do solo ha mais de trezentos annos e que tanto commovem ou enthusiasmam quem lhes sabe a historia.

Olinda foi nas épocas distantes um "gallinho de campina" e, graças a esses gestos rebeldes, senhoris, afoitos, o Brasil apresenta hoje, em grande parte, a nobre belleza da sua unidade e da sua independencia. Num paiz onde a educação civica do povo já permittisse essa especie de culto, Olinda seria um santuario, um logar de peregrinações patrioticas, de louvações do povo aos muros avelhentados, limosos, ennegrecidos, que viram tantas heroicidades, tantas abnegações, tantos devotamentos pela patria.

Esse culto terá de vir porque o sentimento da nacionalidade nunca arrefeceu, nunca se extinguiu, como tanta gente andava a apregoar, num pessimismo doentio, reaffirmando-se agora mesmo nesse assomo revolucionario em que ninguem, afastadas opiniões politicas, poderá desconhecer o caracter de um gesto nacional.

Olinda evocou, assim, todos os tempos das reacções dos indigenas contra os invasores da terra; dos naturaes contra a conquista dos hollandezes; dos brasileiros contra o dominio lusitano. Tabyra, Mathias de Albuquerque, Bernardo Vieira podem symbolizar essas épocas de peleja que culminaram na triumphal arrogancia da Junta de Goyanna.

Dois episodios, porém, foram sobretudo recordados e de algum modo repetidos no recente periodo revolucionario.

Em 1630, as forças hollandezas desembarcavam em Páu Amarello, numa noite de luar, e, renteando o mar por um lado e os cajueiros por outro, marcharam contra Olinda, de lanças e mosquetes espelhados pela claridade da lua, passos abafados pela areia macia e dourada da praia em maré rasa. Os soldados de Mathias de Albuquerque, poucos mas resolutos, esperavam o inimigo em Rio Dôce, mettidos nas trincheiras, por trás do arcal, por trás das mattas de cajús... O embate travou-se de manhanzinha. Mas os defensores eram em pequeno numero, tiveram de ceder. Os batavos entraram por Olinda; a Misericordia e o Seminario, lá em cima, resistiram de maneira heroica, embora certos da inutilidade dessa bravura, desse sacrificio.

Mais tarde, em 1821, os senhores de engenho de Goyanna levantaram-se contra Luiz do Rego. Tropas regulares e patriotas armados marcharam contra Olinda e Recife, descendo por Iguarassú e Paulista. Uma marcha fulminante. Visavam depôr o governador portuguez e instituir em Pernambuco um governo de pernambucanos. Olinda pouco resiste e abre os braços aos revolucionarios. Dias depois Recife tambem capitúla e, ás margens do Beberibe, exactamente a 5 de Outubro, Luiz do Rego assigna o acto de sua renuncia. Elege-se uma junta governativa de Pernambucanos, na soberba nave da sé, e Pernambuco fica desse modo liberto de Portugal um anno antes do Ypiranga.

A igreja da Misericordia, de Olinda.

Esses dois feitos militares, de época remota, foram relembrados pelo que se passou em os dias de agora.

A 5 de Outubro de 1930 entrava pela estrada de Paulista, investindo Olinda, a columna revolucionaria do coronel Juracy Magalhães, vinda da Parahyba, com o intento de prestigiar o movimento revolucionario que já estalára no Recife desde o dia 4. Na capital resistiam ainda alguns quarteis. Mas Olinda acolheu as tropas que lhe entraram pelas ruas a dentro com o enthusiasmo da sua solidariedade com a causa revolucionaria.

Por sua vez, a Praia lembrou-se do anno de 1630. Temia-se um ataque das tropas federaes pela costa. Falava-se na vinda de vasos de guerra e de navios mercantes artilhados com forças de desembarque. Os boatos ferviam. A beira-mar, em Olinda, foi toda guarnecida com batalhões do Exercito e com os Tiros.

Do pharol aos Milagres, as fardas kaki, os lenços vermelhos, as barretinas de campanha, no garbo militar, enchiam as praias e se misturavam com os passadores de festas, numa camaradagem alegre e affavel. Uns e outros se entregavam á folia dos banhos de mar, aos *sports* dos saltos, do bater-bolas, ás sonoridades dos violões. Tudo dentro da melhor disciplina, do maior respeito, da mais significativa approximação entre o civil e o soldado, num entendimento por que sempre nos batemos, convictos como sempre fomos da eterna necessidade da paz armada. A menos que se renove a humanidade...

No alto do pharol um vigilante mantinha-se de corneta ao lado e de binoculo em punho. Os olhos com que verrumavam o horizonte — aquella faixa onde se faziam as nupcias do mar verde-verde com o céu azul-azul... As jangadas tranquillas, moveis pedestaes dos nordestinos destemerosos, punham alvas dedadas no esverdeado das aguas; as barcaças de velas duplas ou triplices passavam num seguimento rhytmado ou num bordejo sinuoso, aproveitando os caprichos do vento... E o mar, ora aplainado ora enfunado, offerecia-se ao olhar perscrutador do vigia.

Si uma fumaça de vapor, raro a raro, tisnava o horizonte, muito remota, o binoculo seguia-a; os militares fitavam-na; os civis apontavam-na; as creanças faziam uma atoarda de alarme e de espanto. Seria o "navio de guerra"? Seria o vapor suspeito? O bombardeio? A morte, a destruição? A fumaça transitava, sumia-se... Astuciosa ou innocente?

Ao esconder-se o sol, patrulhas embaladas iam tomar posições em varios pontos da praia: a espreita nocturna do oceano enluarado ou trevoso. Olhos sondando as vagas, ouvidos caçando rumores.

Uma noite, um domingo, a noticia correu numa vibração electrica. Tropas desembarcavam, numa praia do sul — gente assim, um general á frente, vinham tomar o Recife. Outras desceriam no norte... Os pormenores cresciam de bocca em bocca.

E, emquanto na capital cinco mil pessôas queriam armas nos quarteis, num assomo unico de bravura, dispostas a tudo — no pharol de Olinda os voluntarios se apresentavam, os soldados se aprestavam, os fuzis se distribuiam, as sentinellas avançadas tomavam posições e os atiradores se estendiam pela praia, atrás das trincheiras de areia. Do pharol aos Milagres, a tropa aguardava na beira-mar, escura e silenciosa, o desembarque do inimigo.

Elle podia vir. A alma afoita e destemerosa do nordestino esperava-o, com aquella coragem e aquella resignação com que encara os mezes de secca. O nordestino da "praça" e o do "sertão" irmanavam-se.

E Olinda, que os conhecia de épocas diversas, sorria. Eram os mesmos de hontem. Seriam os mesmos de amanhã. Os fazedores, os defensores, os sustentadores do Brasil.

E com Olinda nós *assumplavamos*; — si numa luta com irmãos elles são assim, que será si um dia o adversario fôr uma "nação de gente" lá das outras bandas?...

MARIO SETTE

A Sé, de Olinda.

O pharol de Olinda.

Rs. 5:000$000

RECEBI DA REVISTA DA SEMANA A IMPORTANCIA DE CINCO CONTOS DE RÉIS, REPRESENTADA PELO CHEQUE NO.32803 CONTRA O BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL E CORRESPONDENTE Á QUOTA DE CINCOENTA POR CENTO (50%) DO PREMIO COM QUE FOI CONTEMPLADO O BILHETE NO.21764 - DOISUMSETESEISQUATRO - DA LOTERIA DE MADRID EXTRAHIDA POR OCCASIÃO DO NATAL DE 1930, PERTENCENTE Á SEGUNDA SÉRIE DAS ASSIGNATURAS ESPECIAES DA MESMA REVISTA, EM QUE ME INSCREVI SOB O NO.613, TUDO DE CONFORMIDADE COM AS CONDIÇÕES ESTABELECIDAS PARA ESSE SORTEIO, EM FIRMEZA DO QUE ASSIGNO ESTE E OUTRO NO VERSO DO RECIBO RELATIVO Á REFERIDA ASSIGNATURA, PARA UM SÓ EFFEITO. —

RIO DE JANEIRO, 24 de Janeiro de 1931

Fran.co de Sá Fonseca

SELLADO COM 1$000

A REVISTA DA SEMANA já levou ao conhecimento dos seus assignantes da 2.ª série, que concorreram ao bilhete n. 21.764 da Loteria de Espanha do Natal, que esse bilhete foi contemplado com 10 mil pesetas, ou sejam 10.000$000 na nossa moeda, em razão de haver sido o bilhete n. 21.707 daquella grande Loteria premiado com o 3.º premio de tres mil contos de réis (3 milhões de pesetas).

Começámos já a distribuir pelos mil assignantes da 2.ª série, que concorreram ao bilhete n. 21.764 da Grande Loteria de Espanha do Natal, as importancias que lhes couberam por sorte, baseados no final 613 — centena do premio maior da Loteria do Natal da Capital Federal — centena essa que, como é do dominio dos nossos assignantes, sempre regulou a distribuição dos premios que acaso pudessem caber aos bilhetes adquiridos pela **REVISTA DA SEMANA**.

Coube á centena 613 a quota de 50 % do total do premio, ou sejam 5:000$000. Foi contemplado com esse premio o portador do recibo n. 613 da assignatura da 2.ª série, sr. *Francisco de Sá Fonseca, residente á rua Navarro n. 87 (Catumby)*. Cabem 10 % do premio total a todos os assignantes da 2.ª serie cujos recibos terminem na dezena 13, isto é 013, 113, 213, 313, 413, 513, 713, 813 e 913, tocando a cada um a importancia de 100$000.

A cada um dos restantes 990 assignantes da 2.ª série de mil assignaturas — bilhete n. 21.764 — cabe a pequena importancia de 4$000, que lhes será paga quando entenderem ou, por se tratar de quantia minima, levada em conta em futura renovação de assignatura.

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL

Cheque N.º 32803 Rs —5:000$000—

Paguem por este cheque no Rio de Janeiro, ao SR. FRANCISCO DE SÁ FONSECA ou á sua ordem, a quantia de CINCO CONTOS DE RÉIS PREMIO QUE LHE COUBE COMO POSSUIDOR DA ASSIGNATURA NO.613 DA SEGUNDA SÉRIE (1930) DA REVISTA DA SEMANA que levarão a debito de n/ conta corrente MOV.

Rio de Janeiro 24 de Janeiro de 1931

Companhia Editora Americana

Aureliano Machado

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL — Rio de Janeiro — N.º 32803

As photographias que aqui se vêem mostram:

Ao alto, o sr. Francisco de Sá Fonseca recebendo das mãos do sr. Antonio Machado da Cunha, gerente da **REVISTA DA SEMANA**, o cheque de 5:000$000, premio que lhe coube como assignante n. 613 da 2.ª série. Do lado opposto, junto á senhorinha Marieta Lima — caixa da Cia. Editora Americana — um dos assignantes contemplados com premio menor.

A seguir, o recibo passado pelo sr. Francisco de Sá Fonseca:

Por ultimo, o cheque de 5:000$000 entregue a esse nosso assignante, contemplado com 50 % do premio de 10:000$000 a ser integralmente distribuido pelos assignantes da 2.ª série.

O MANEQUIM

POR MARIA EUGENIA CELSO
DESENHO DE ALBERTO LIMA

O homem estacou.

Teve um gesto vago de esfregar os olhos como se duvidasse do que vira. Firmou a vista e o sorriso lhe distendeu, um segundo, o rosto contrahido de surpresa. Um rosto glabro onde o olhar vacillava numa incerteza, entre a espessura dos cilios.

"Um manequim..." — murmurou. Bateu de leve com o dedo no vidro da montra para certificar-se, sorriu de novo como a zombar da propria illusão e foi passando.

Manequim, sim, mas que bonito!...

A cêra do rosto e das mãos, de um rosado de jambo, tinha o viço natural, a maciez pennugenta e lustrosa de uma carnação de mulher. As unhas é que talvez brilhassem demais... Sim, as unhas, a que o gesto amaneirado punha involuntariamente em destaque. E, sem querer, virou a cabeça.

Lá estava ella, sorrindo sempre com o seu tumido sorriso de provocação inconsciente. Vista assim de lado e a pequena distancia, um reverbero de sol atiçando-lhe o ouro ondulado dos cabellos, dava a impressão clara, precisa, exacta de um ser vivo e animado, um ser humano, immobilizado apenas na faceirice proposital de uma pose espectaculosa.

Deteve-se um segundo a admiral-a. Decididamente, dir-se-ia viva. Sob o assetinado da epiderme o sangue parecia correr-lhe pelo azulado das veias, o vestido bulia, os pés mal sustinham o passo impaciente... Era perfeita. Perfeita até ao inverosimil. Porque, afinal, fabricarem imitações tão proximas da realidade?...

O artificio levado áquelle extremo se lhe afigurou um embuste quasi criminoso. Até os olhos... E lembrou-se, de repente, que não lhe vira os olhos. Deviam ser perfeitos tambem, e lindos com certeza. Parou machinalmente ao fim da rua. Voltando muito a cabeça ainda podia vêl-a de perfil e, ao dar com ella, esbelta e airosa atrás do vidro abolido pela distancia, o mesmo choque inexplicavel que, momentos antes, o fizera parar num estremeção abalou-o da cabeça aos pés.

Manequim aquillo?...

Teve a sensação nitida, na onda de luz que banhava a vitrine, do arfar de um seio sob a musselina do corpete. Quedou-se um longo instante a fital-a, a garganta apertada numa seccura, um fremito na ponta dos dedos. Como seriam seus olhos?... Esboçou o movimento de retogradar, mas a puericia desta curiosidade determinou a reacção da vontade contra o desejo e seguiu, apressadamente, como se fugisse. Levou para casa, no emtanto, esta curiosidade. Dormiu com ella. Num sonho confuso viu aquelles olhos que não vira: extranhos, de um azul esfumaçado, um azul-violeta entre o louro frisado dos cilios immensos. Uns olhos parados, como hypnotizados por uma visão interior, uns olhos de somnambula. Não gostou delles.

Pela manhã, ao despertar, esquecera-os. Lembrou-os, de chofre, durante o dia, em pleno trabalho. Como seriam?... Um arrepio lhe correu subtilmente a espinha dorsal. Teve de conter-se para não sahir precipitadamente, tal o impulso de curiosidade que o sublevou. Passou assim o resto da tarde, lutando contra aquella vontade, mas dominado por ella, numa persistencia de obsessão. Ao deixar o emprego, cedeu por fim sem reluctancia á solicitação de todo o seu ser. Lá se foi, a correr quasi, numa ansia de ver aquelles olhos, mas vel-os demoradamente, com um vagar calculado e paciente, saciar-se delles.

Se houvessem, por acaso, mudado o manequim?... A esta hypothese, absurda evidentemente, estugou o passo numa indignação. Tinha de ver-lhe os olhos... tinha de ver-lhe os olhos, fosse como fosse... Poude vel-os á vontade. Encostado ao crystal da loja, como si se estivesse decidindo a uma compra hesitante, entregou-se com delicia ao exquisito gozo daquella contemplação. Tinham-lhe trocado o vestido. O macio collante do verde-cinereo, que lhe enluvava o corpo gracil, mais loiro ainda lhe fazia o cabello aloirando-lhe tambem fantasticamente os olhos castanhos. Porque eram castanhos estes olhos. Um castanho claro e frio, um castanho de tabaco, de um brilhante de esmalte na sua luminosa limpidez. Largos e fixos, em nada evocavam porém a inexpressão de uns olhos de boneca. Pelo contrario, pareciam sorrir numa alegria silenciosa, uma alegria que era a um tempo chamado e acquiescencia... Sim, uma acquiescencia. Acquiescencia tão viva e tão consciente que, fascinado por ella, só deu accordo de si quando, tocando-lhe o braço, um dos caixeiros do estabelecimento lhe disse o preço do vestido, indagando se queria que lh'o levassem a casa. Quanto tempo permanecera perdido no brilho magico daquelles olhos?... Envergonhado da sua absorpção, teve uma excusa brusca e afastou-se alguns passos. Que olhos, que singulares olhos!... Não é que fossem muito bonitos, mas attrahiam como os olhos de um retrato e, sem querer, puxado pelo iman daquellas pupillas immoveis, voltou-se assomadamente... A impressão foi tão forte que teve de apoiar-se á parede. Aquelles olhos olhavam, olhavam positivamente... Olhavam-no de longe, entre os cilios, com uma especie de bravata maliciosa... Surprehendera até o celere pestanejar das palpebras, velando o clarão mais expressivo do olhar... Precisava observar, verificar, ter certeza. Como, sem chamar a attenção?... E, angustiado, procurou em redor. Bem defronte ao edificio da loja, separado apenas pelo canal da rua, um pequeno café abria as suas portas acolhedoras. O homem, num alvoroço de contentamento, abancou alliviadamente. Dali poderia observal-a a seu contento. Teve, todavia, de mudar duas ou trez vezes de mesa, até encontrar a posição que lhe ficasse rigorosamente no raio visual. Acertou por fim, julgando perceber que a habilidade de sua manobra tornava estranhamente intencional a doçura com que se entregavam aos delle aquelles bizarros olhos castanhos.

E foi isto todo dia. Mal terminava o trabalho vinha num açodamento de namorado, sentar-se á mesinha do café, onde, alheiado a tudo, afundava-se deliciadamente no inenarravel prazer de miral-a horas a fio. Demorava-se até fecharem as portas da loja e baixarem sobre o vidro a cortina de ferro.

Acordava então para a realidade, estremunhado e combalido, numa desolação de se ver privado della, verdadeira agonia de saudade que o enxotava para casa, remoendo projectos insensatos, a rever incessantemente, na agitação da insomnia torturante, aquelles dois grandes olhos brilhantes a lhe sorrirem de longe, numa promessa e num consentimento... Em pouco tempo, tornou-se conhecido no café, onde lhe respeitavam a mania inoffensiva. Tinha o lugar marcado e, quando o movimento da rua difficultava a sua muda contemplação, sahia então, detendo-se a um canto da vitrine, a olhal-a enlevadamente de perto, disfarçando, afim de illudir os caixeiros já desconfiados com a inexplicavel insistencia daquelle sujeito. Desde que não queria comprar vestidos que lhe podia importar o manequim?...

Manequim aquillo?...

Sel-o-ia talvez para os outros, para todos os outros. Mas para elle, que lhe conhecia as expressões, para elle, que lhe correspondia ao abandono dia a dia mais eloquente do olhar, para elle, que tanta vez lhe surprehendera a animação, os dissimulados movimentos, não era, não podia ser uma boneca. Os outros não sahiam, não viam, não reparavam. Elle não via mais nada. Durante as interminaveis noites em que, na excitação da morbida vigilia, a sua nervosidade exasperada procurava debalde o lenitivo do somno que nunca vinha, a insistencia daquellas enormes pupillas doiradas entrava-lhe pelas palpebras descidas, apossava-se-lhe das retinas, ia-o possuindo todo, subjugando-lhe a vontade, numa coacção irresistivel de hypnotismo. Aquelles olhos perseguiam-no, obcecavam-no, sugavam-lhe a lento e lento a energia e a vida, fisgados nelle como duas lentes magneticas.

Claros, frios, parados, duas poças de agua insondavel, onde lhe teria sido inexprimivel gozo abysmar-se numa inconsciencia definitiva.

E exaltava-se em sonhos impossiveis. Ah! poder fechal-os um dia sob a pressão acariciante do seu beijo, sentir nos labios a palpitação desvairada dos seus cilios, abaixados emfim, submissos, entregues, mortos numa vertigem de abandono total, elle contentando-lhes finalmente a muda imperiosidade do desejo... Sim, porque ha tempos já que, pouco e pouco, lhes penetrara o mysterio da transparente fixidez.

Havia um chamado latente, um vago pedido, uma ordem talvez, na estagnação espasmodica daquellas duras pupillas de ouro fôsco... Uma ordem de que não discriminara ainda a secreta intenção mas á qual era preciso obedecer... obedecer...

Cerrava os punhos na exacerbação de não comprehender ao certo o que ella queria. Mas porque não lhe falava afinal?...

Atrás do vidro, onde a mantinham prisioneira, nessa immobilidade de estatua de que só elle conseguira surprehender a enganadora apparencia, permanecia tão distante, tão separada delle, tão inattingivel que o desespero o atassalhava num desvario crescente e avassalador. Tinha impetos de atirar-se a ella, arrebentando a murros o obstaculo do crystal, agarral-a nos braços e fugir... Porque não lhe respondia ella ás propostas dementes que seus olhares arrebatadamente lhe faziam?... Bastaria um articular de labios, menos do que isto, um aceno de cabeça, imperceptivel signal de connivencia e de consentimento. E esperava... Esperava na tortura crescente desta febre de ideia fixa, uma ansiedade obsedante que o impedia de comer e de dormir, tomando-lhe conta da existencia, apertando-lhe o peito numa oppressão constante de dyspnéa, o cerebro atravessado por vezes como por uma faisca lancinante. Sentia que precisava decidir-se... agir... fazer qualquer cousa... Sentia sobretudo que não podia mais viver sem ella. A ideia do rapto assenhoreava-se tanto de sua imaginação enlouquecida que aguardava apenas o signal para executal-a.

Uma tarde, veiu mais cedo. Não pudera passar como sempre pela manhã, accorrendo antes da hora habitual devorado de soffreguidão. O sol batia em cheio na vitrine e, no aureo polvilhamento da claridade, o manequim resplandecia como um idolo.

Trazia um vestido de baile, decotadissimo. Uma dessas longas tunicas scintillantes, de strass prateado, verdadeiro trajo de ondina que lhe deixava nús o collo, as costas e os braços alvissimos. Toda ella era uma fulguração vaporosa de brancuras irradiantes.

Estava tão linda assim, vestida de luz, que elle titubeou, sentindo faltar-lhe o sólo sob os pés.

Na posição de tres quartos em que a haviam collocado, a linha do corpo, do hombro ao artelho, audaciosamente se accentuava. Teve a sensação de que a hombreira escorregadia do corpete, resvalando pela espadua, ia despir-lhe o busto meio desnudo.

Ver-lhe-ia o seio... Fechou os olhos num collapso deslumbrado. Nesse dia só voltou para casa altas horas da madrugada. Levou rondando a vitrine fechada, desarvorado, tonto, fóra de si. Nessa semi-inconsciencia de somnambulismo, só tinha diante do olhar offuscado, queimando-o interiormente, aquella carne de cera, para elle tão mysteriosamente palpitante, diante da qual o mundo subitaneamente desapparecera.

No quarto, aggravada pela solidão e o cansaço, a crise attingiu ao auge.

Tel-a assim, meu Deus!... tel-a assim, ali, unicamente delle, branca e nua, no amplexo frenetico de seus braços... sentir-lhe primeiro talvez a resistencia amedrontada, depois o vencido abandono e finalmente o deliquio embriagador...

A' candencia voluptuosa destas imagens um affluxo de sangue lhe toldava a vista, esvaindo-se-lhe em insopitavel commoção erotica os ultimos vestigios de razão. O delirio allucinava-o. Quem lhe ajudaria a vestir aquelle vestido de belleza e de peccado?... Quem?... E como consentira ella, que de antemão tão exclusivamente lhe pertencia, em expôr-se, despida de tão perturbadora maneira, aos olhos cobiçosos da cidade?... Um impeto de odio e de vingança o suffocava.

A figura do caixeiro, postado de costume junto á vitrine, relampejava-lhe na mente enfebrecida. Uma convulsão de todos os nervos, de todos os musculos estrangulava-o, ameaçadoramente, de odio assassino.

Sentia, máu grado seu, retezarem-se-lhe os dedos em crispações furiosas de estrangulamento.

A ideia de roubal-a, arrancal-a ao dominio do miseravel que a sequestrava no pelourinho vergonhoso daquella montra tyrannicamente se apossara de todo o seu ser. Precisava agir. Uns ultimos laivos de raciocinio retiveram-no, porém, dois dias seguidos, enjaulado no quarto, num confuso medo de si mesmo. Ao terceiro, não resistiu. Agonizava de saudade e de desejo. Foi vel-a, logo de manhã, apezar da chuva torrencial. Levava um ramo de rosas. Passou vagaroso, demorando o andar. Tinham-lhe mudado novamente a toilette. Dava, agora, quasi as costas á rua, parecendo mais alta e mais loura numa comprida roupagem de rendas pretas que lhe afinava ainda mais as fórmas esguias.

Só lhe poude distinguir a gravidade triste do perfil e a negaça dos olhos, propositalmente desviados.

Estaria agastada por não ter vindo durante dois dias?... A esta hypothese o espirito lhe sossobrou num torvelinho de loucura. Proseguiu, no emtanto, perplexo, sem saber o que fazer...

Entre os cordões cerrados do aguaceiro ao voltar-se para olhal-a ainda uma vez, através o embaciamento do crystal, viu, como já vira uma vez, viu-a distinctamente voltar de manso a cabeça, entreabrindo a bocca numa palavra que não podia ouvir, mas adivinhou.

Galvanizado de emoção, estacou cambaleando num desatino, duvidando ainda. A cabeça doirada moveu-se de novo imperceptivelmente, com o leve sorriso que elle adorava... Era o signal, com certeza.

Uma chamma ardente envolveu-o, arrasando-lhe de um jacto todas as hesitações. Iria buscal-a. Não naquelle instante. Havia muita gente na loja, chovia. Era impossivel! Volveria no dia seguinte, cedinho. Leval-a-ia. Seria delle. Viveriam longe de todos, felizes, divinamente felizes... Disse-lhe tudo isto no olhar maluco que, de longe, extasiadamente lhe lançou. Sabia que ella o entendia. E, aproveitando um momento em que a rua se fizera deserta, retrocedeu, deixando tremulamente cahir diante da vitrine a braçada de rosas que trouxera... Seguiu depois, ás pressas, inebriado da maravilhosa certeza.

A noite foi de demencia. Passou-a percorrendo o quarto, na excitação resfolegante das crises decisivas, a balbuciar

A excursão presidencial a MANGARATIBA

O sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, em companhia de ministros de Estado, fez no domingo ultimo uma excursão a Mangaratiba, tendo a opportunidade de ser transportado em trem movido a alcool-motor, o combustivel nacional que se vem affirmando victorioso e que está fadado a substituir a gasolina e o carvão de pedra. Ao alto: o trem presidencial junto á *gare* de Mangaratiba, onde se vê o sr. Getulio Vargas, ladeado pelos srs. general Leite de Castro, ministro da Guerra, e Gregorio da Fonseca, secretario da Presidencia. A seguir: o chefe do Governo em Mangaratiba, rodeado por pessoas dessa localidade fluminense e tendo á esquerda os srs. Lindolfo Collor, José Americo, general Leite de Castro e Assis Brasil, ministros respectivamente do Trabalho, da Viação, da Guerra e da Agricultura. Em baixo: o trem a alcool-motor.

phrases sem nexo, revendo perdidamente numa obsessão martyrisante os seus dois grandes olhos castanhos, parados e brilhantes, os olhos do seu sonho de louco, silenciosamente chamando por elle, chamando... Julgou, varias vezes, expirar de fadiga e de impaciencia. A's primeiras horas do dia serenou entretanto, na energia da resolução inabalavel.

Sahiu quasi calmo. A chuva cessara. No azul lavado da manhã, a cidade iniciava a sua actividade. Acabavam de abrir as portas da casa. A loja aprompta-va-se para o trabalho quotidiano.

Dentro da vitrine, em desalinho ainda, o caixeiro de serviço, trepado a um tamborete, começara a tirar o vestido da vespera ao manequim.

Num gesto descuidoso apoiara-o de encontro ao peito, para mais facilmente lhe descolchetar o corpete.

O homem, chegando, deu de frente com o sacrilegio desta scena.

A loura cabeça reclinada languidamente ao hombro do outro, ella fitava-o, no emtanto, a elle, sorrindo como sempre, num desafio... Sentiu que tudo gyrava em derredor.

Um estampido formidavel, fazendo em estilhaços o vidro da loja, resôou de subito pelo movimento da rua.

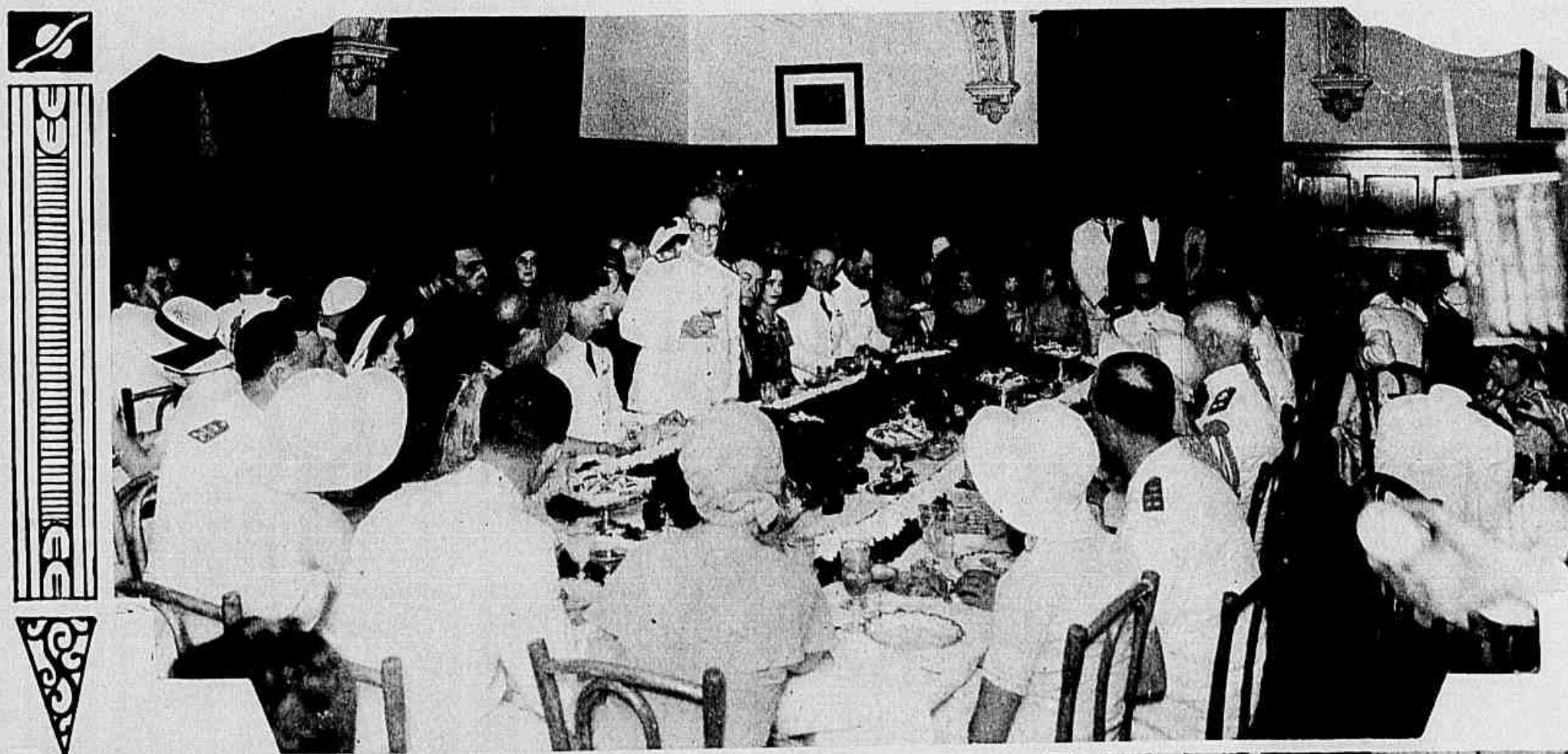
O caixeiro, o peito varado por uma bala certeira, baqueava num golfão de sangue tombando sobre o manequim... Duas detonações consecutivas abalaram ainda a rua alvoroçada em panico. Ouviram-se gritos. Tropel de correria. Assovios estrilaram. E em meio do grupo dos que recuavam espavoridos e os péga! péga!... dos que accorriam levados de curiosidade, um homem disparou, fugindo numa carreira allucinada, livido, sobraçando convulsivamente uma grande boneca ensanguentada...

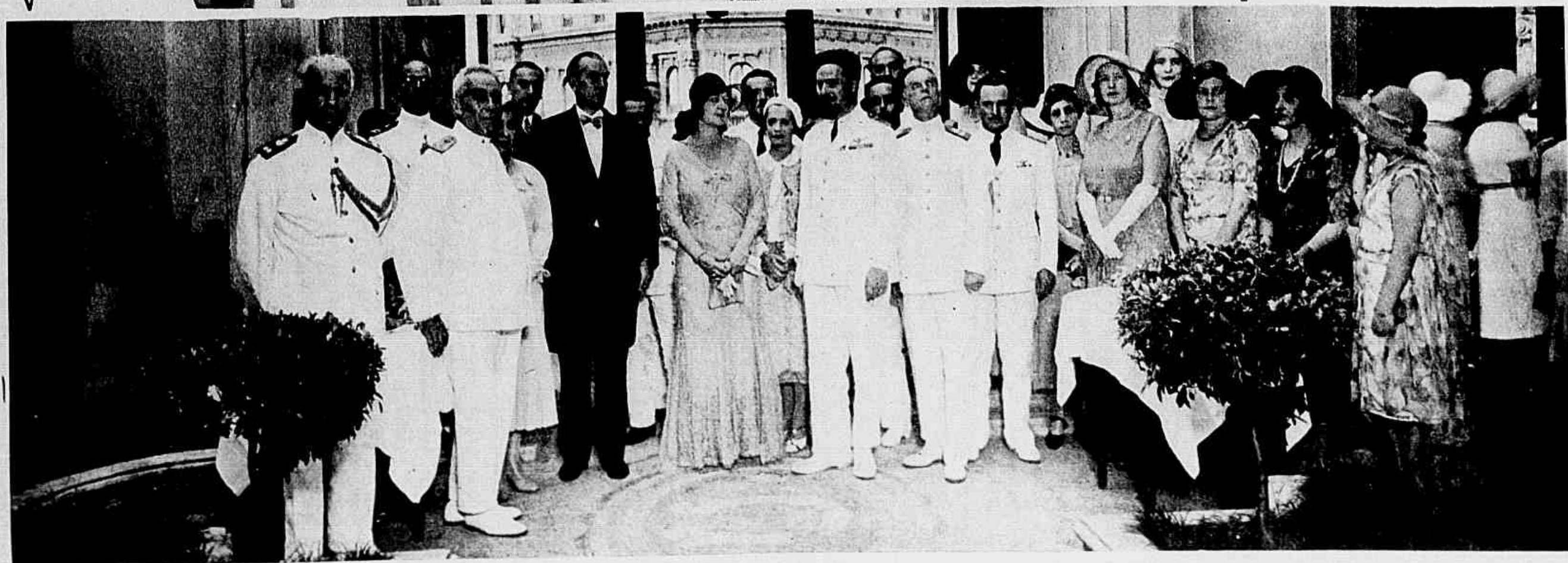
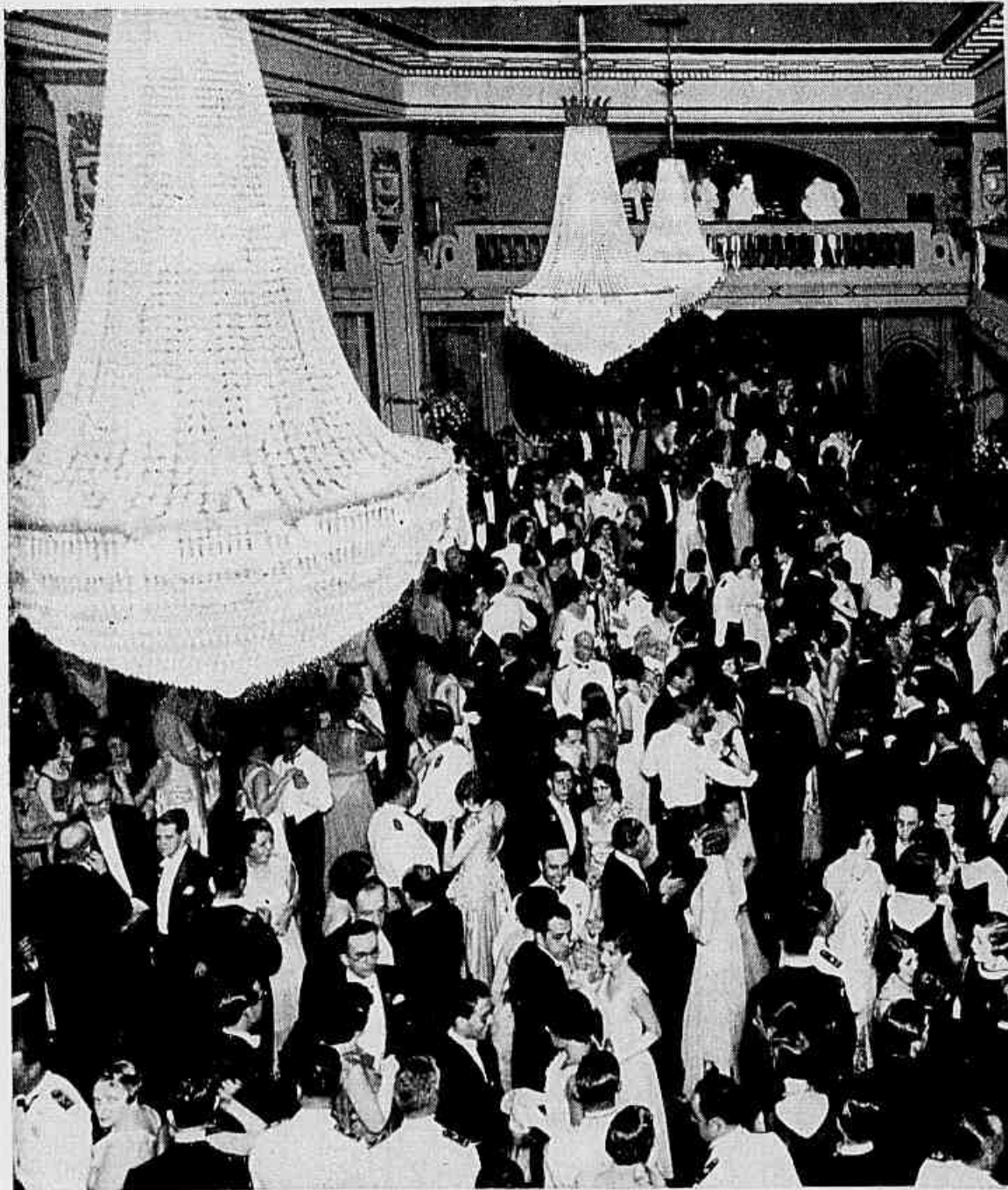
— E' um doido — explicavam no atropelo os garçons do fronteiro café — o doido do manequim.

Manequim, realmente, aquillo?...

Maria Eugenia Celso

"A Parahyba a seu grande filho"

No dia 24 — data em que completaria annos o grande presidente João Pessôa — foi inaugurado sobre o seu tumulo, no cemiterio de S. João Baptista, o monumento mandado erigir pelo Estado da Parahyba. O monumento, concepção do esculptor Humberto Cozzo, tem na base duas figuras de pedra, symbolisando o sacrificio. A' frente, uma figura de bronze, de tamanho natural, representa o estadista parahybano colhido em meio da sua acção por uma setta que lhe attingiu o flanco. Sob essa figura, um medalhão com a effigie do presidente João Pessôa e os seguintes dizeres: "1878 — 1930. A Parahyba a seu grande filho". As gravuras mostram: ao alto, o momento da inauguração; ao lado, o monumento coberto de flôres.

O CLUB NAVAL AO GENERAL BALBO

A Marinha Brasileira, associando-se ás homenagens prestadas aos aviadores e officialidade dos cruzadores italianos, offereceu-lhes uma brilhante recepção. Ao lado, um aspecto parcial durante a recepção, tirado no momento em que o almirante Conrado Heck, ministro da Marinha, saudava o general Balbo, que se vê á sua direita. Em baixo, grupo feito no Club Naval, vendo-se ao centro o general, que tem á direita a senhora embaixatriz e o sr. embaixador da Italia e o almirante Bucci.

O GENERAL BALBO Á SOCIEDADE CARIOCA

A recepção offerecida pelo general Balbo á alta sociedade do Rio de Janeiro, reunião que se tornou notavel pelo cunho de elegancia e grande distincção de que se revestiu. Na photographia acima vêem-se, da esquerda para a direita, o general Valle, chefe do Estado Maior da Aeronautica da Italia; o sr. embaixador da Italia, o general Balbo, e a senhora embaixatriz Cerutti. Na photographia abaixo, vê-se o general Balbo ao centro, tendo á esquerda a senhora embaixatriz da Italia, o sr. Mello Franco, ministro do Exterior, e o sr. embaixador da Italia.

As procissões do Padroeiro da Cidade

Ao alto: a sahida da procissão do Padroeiro da Cidade, da igreja de S. Sebastião (ainda em construcção). Ao lado: a procissão do martyr São Sebastião sahindo da igreja da Lapa do Desterro.

O Club Nacional ao General Balbo

Flagrantes da linda festa realizada em homenagem ao general Italo Balbo e seus companheiros nos elegantes salões do Club Nacional. No grupo ao lado vê-se o general Balbo entre os srs. embaixador da Italia e almirante Bucci.

DO-X
O LEVIATHAN ~ DO ESPAÇO ~

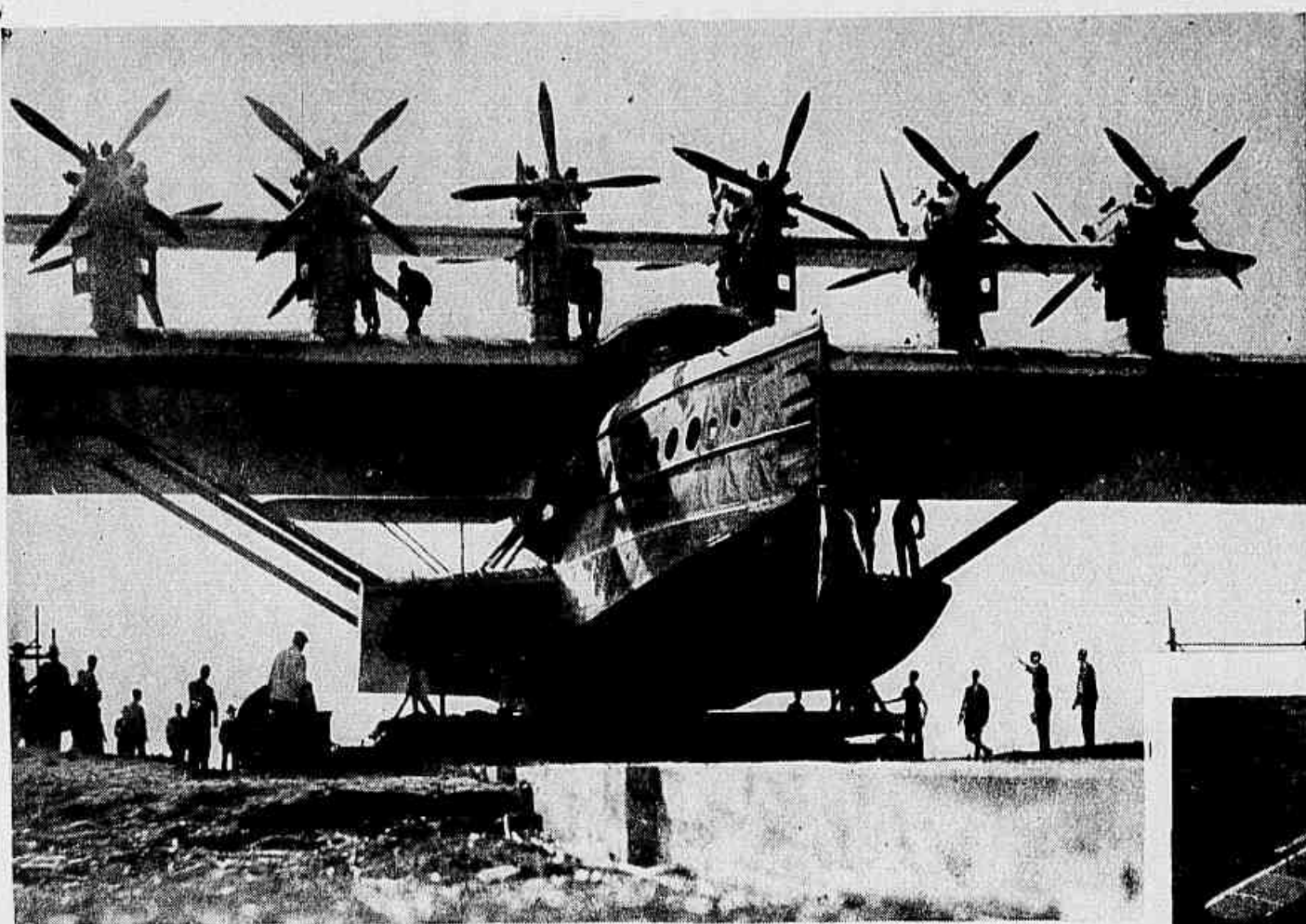
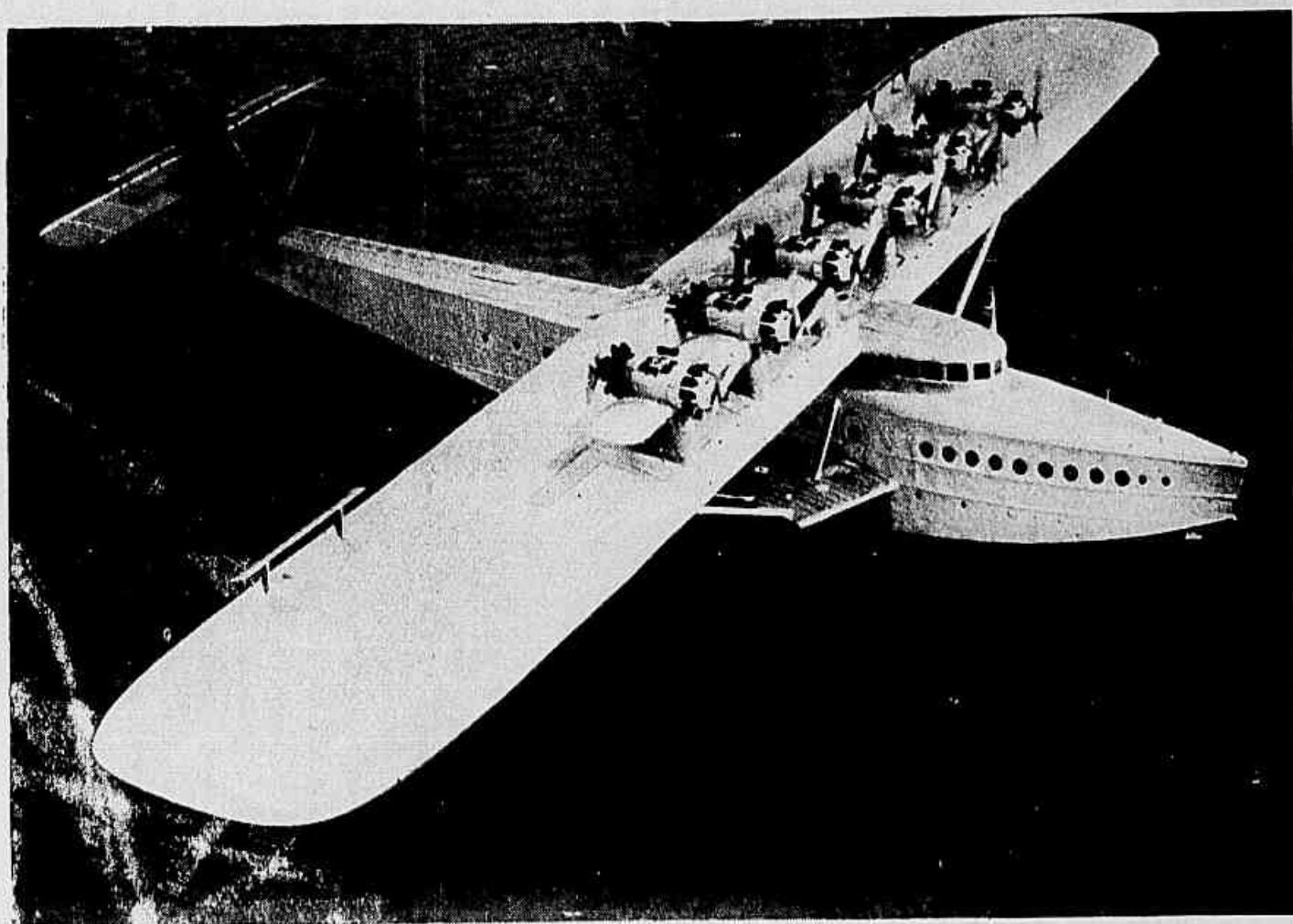
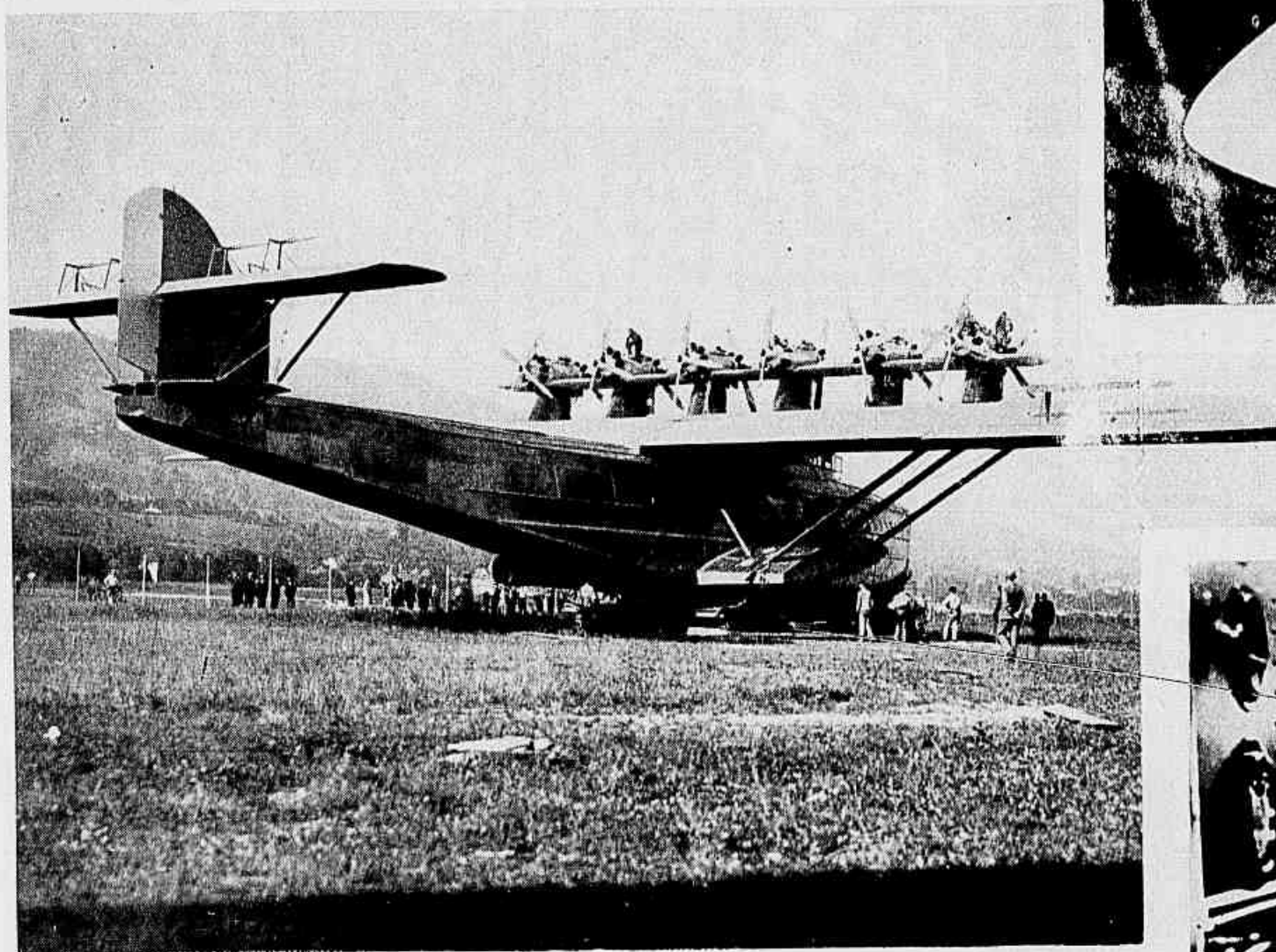
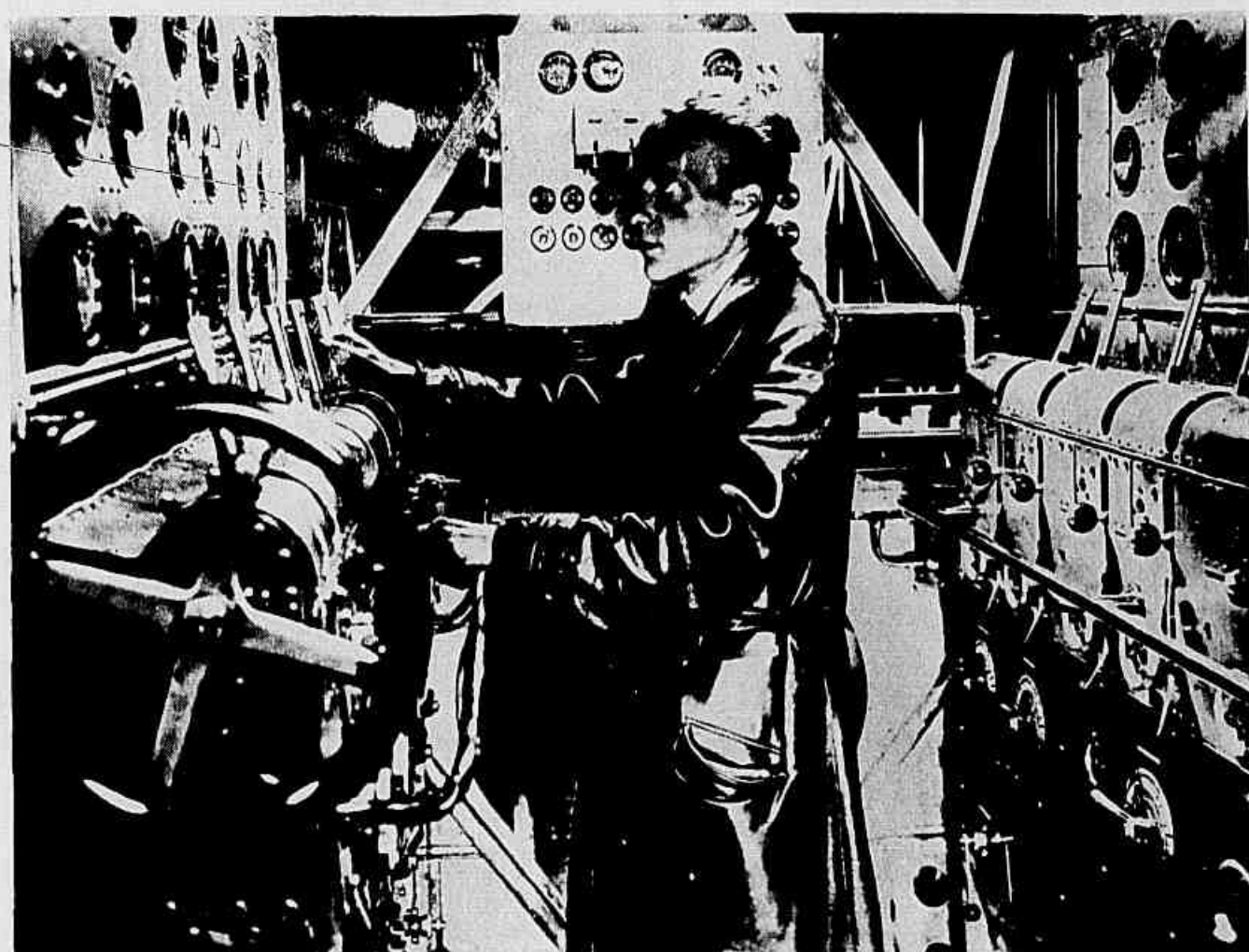
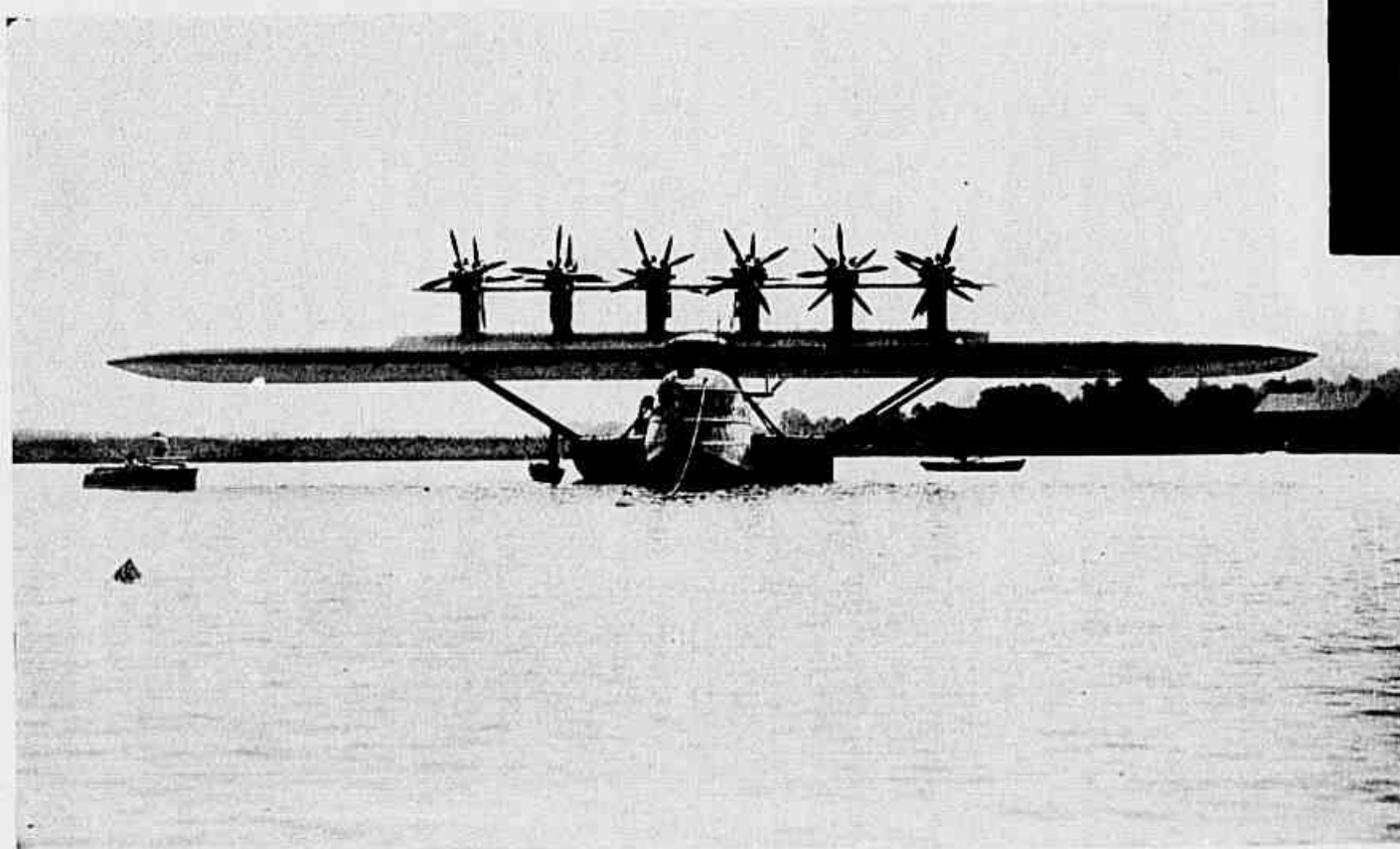
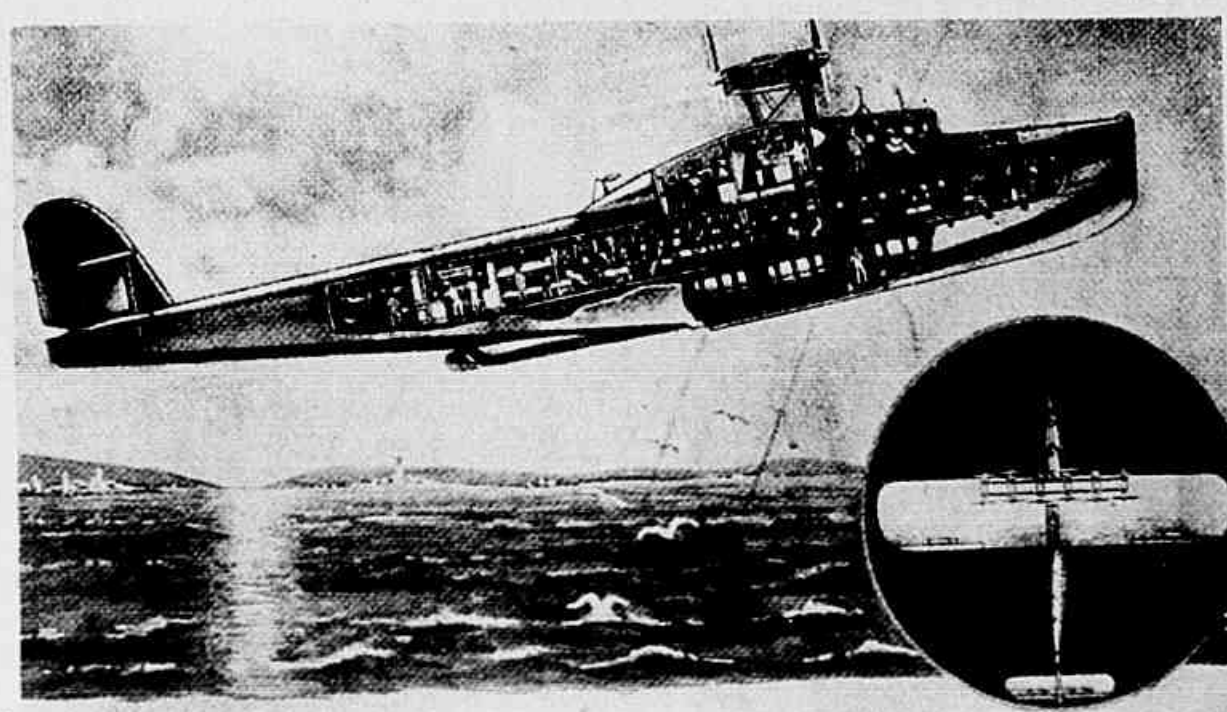
O capitão Crhistiansen, official do mar e do ar, que tem a responsabilidade do commando do DO-X, o formidavel avião que o Brasil espera em Fevereiro proximo.

O Leviathan do Espaço, de frente, permittindo que se vejam as suas doze helices, de efficiencia provada através de varios vôos de experiencia.

O DO-X em vôo sobre o mar. O gigante aéreo dá, a um simples olhar, a impressão de ser a ultima palavra em materia de aviação.

O monstro aéreo repousando em terra e permittindo, pela comparação com as innumeras creaturas humanas que lhe estão em torno, que se avalie o seu tamanho formidavel.

As entranhas do Leviathan. Manivelas, alavancas, toda uma technica prodigiosa que dá a essas camaras internas o aspecto de verdadeiras machinas infernaes.

O DO-X visto de frente em toda a sua extensão, transpirando elegancia e grandeza, e mostrando nas suas doze helices toda a sua enorme patencia de vôo.

Diagramma do DO-X, mostrando no córte longitudinal a colmeia dos compartimentos do gigante do ar e, no circulo, o DO-X visto do alto.

As Classes Trabalhadoras ao Chefe do Governo

As classes trabalhadoras levaram a effeito no sabbado ultimo uma grande manifestação aos srs. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, e Lindolfo Collor, ministro do Trabalho. *Ao lado:* os manifestantes diante do palacio do Catette. *Ao alto:* o sr. Getulio Vargas, tendo á direita o sr. Adolfo Bergamini, interventor do Districto Federal, e á esquerda os srs. Lindolfo Collor e José Americo, ministros do Trabalho e da Viação, recebe as commissões das classes trabalhadoras. *Em baixo:* um imponente aspecto dos manifestantes diante do palacio da Presidencia.

Nos jardins da Embaixada da Italia

A recepção offerecida pelo sr. embaixador da Italia e senhora V. Cerutti ao general Balbo e seus companheiros foi uma festa maravilhosa, de requintada distincção e elegancia, sem duvida uma das mais alevantadas homenagens prestadas aos gloriosos realizadores da travessia do Atlantico. Um olhar lançado ás photographias basta para que se defina o supremo requinte que presidiu á fina reunião no ambiente dos poeticos jardins da Embaixada da Italia.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANNIVERSARIOS

No dia 31 — as sras. Isolina Justiniano Maia, Sampaio Corrêa de Almeida e Chiquita Canuto Torres; o almirante Americo Brasilio Silvado; os drs. Pedro Pernambuco Filho, Theophilo Nolasco de Almeida; o pequeno Tede, filho do jornalista riograndense Alvaro Eston.

No dia 1 — as senhorinhas Maria Monteiro de Queiroz e Maria de Lourdes Muller de Campos; a senhorinha Beatriz Veiga; o almirante Cesar de Noronha Santos; o dr. Henrique Aderne.

No dia 2 — as sras. Laurita Pessôa Raja Gabaglia, Noemia Cavalcanti de Gusmão Lyra e Maria da Cunha Bastos Versillo; as senhorinhas Dóra Machado, Leonidia Chagas, Maria Duarte de Almeida e Nerina Nery Ferreira; os drs. Brito Silva, Carlos Moreira Guimarães e Francisco de Almeida Bastos; o almirante José Maria Penido; o nosso confrade Carvalho de Azevedo.

No dia 3 — as senhoras Cupertino Durão, Carmen Belfort de Valladão e viuva Pinheiro Machado; a senhorinha Alzira Gonçalves Ferreira; os drs. José Pires Brandão, Luiz Augusto de Drumond e Vivaldi Niemeyer; o comediographo Gastão Tojeiro; o conde Sylvio Penteado, grande industrial paulista; o jornalista Sebastião Sampaio.

No dia 4 — a senhora Arthur Bernardes, virtuosa esposa do ex-Presidente da Republica; a sra. viscondessa da Veiga Cabral; as sras. Eugenio Souza Costa e Alves Pereira; senhorinhas Jandyra Aguiar, Cyrene Dario de Mendonça e Alice da Costa Ferreira; dr. Vivaldo Leite Ribeiro, o ministro Lindolfo Collor; o general Luiz Cardoso; o major Leopoldo Diniz, pae dos nossos collegas Diniz Junior e Marquez de Diniz; o ministro Bento de Faria.

No dia 5 — as sras. Julieta Chaves Rangel, Cora Pires Moreira, Beatriz Maria Hortensia de Proença, Maria Augusta Ruy Barbosa, Marianna Cosme Pinto e Lucinda de Moraes; a poetisa Leonor Posada; o sr. Francisco Sousa Costa, grande figura do nosso commercio; o ministro Pires e Albuquerque.

No dia 6 — as sras. Alice Quartim de Moura, Maria Calazans de Barros e Corina de Barros Pimentel Medeiros; a senhorinha Alzira da Motta; os drs. Antonio da Silva Moitinho e Eugenio Salles Brandão.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria de Lourdes da Silva e o sr. Aguinaldo M. da Silva Lima;

— a senhorinha Diamantina A. Puentes e o jornalista Armando Peixoto;

— a senhorinha Maria Antonieta do R. Freitas da Silva e o sr. João de M. Castro Menezes;

— a senhorinha Carmen P. de Souza e o dr. Cilio Tardin Faver.

CASAMENTOS

— a senhorinha Pomposa Cardoso Mesquita e o dr. Eduardo de Souza Filho;

— a senhorinha Elisa Laura de Toledo Raffard e o 2.º tenente da Armada Haroldo Mathias Costa;

Professora Angelina Almeida do Amaral, autora do livro *Meu grande Brasil* que acaba de apparecer e ao qual opportunamente nos referiremos mais de espaço.

— a senhorinha Elvira Antunes e o sr. Cypriano da Penha W. da Silva;

— a senhorinha Iacy de M. Couto e o 1.º tenente Lincoln Washington Veras;

— a senhorinha Rosalia Beatriz G. de Castro e o industrial Luiz Queiroz.

Em Nictheroy: — D. Rachel Montedonio B. de Menezes e o engenheiro Raul Albuquerque.

OS QUE VIAJAM

Acha-se no Rio ha dias o capitão Bley, interventor no Estado do Espirito Santo.

❋

Procedente de Londres, acha-se no Rio o dr. Antonio Luiz de Castro Barbosa, do Tribunal de Contas.

❋

Seguiu para a Europa pelo *Nyassa* o capitalista Antonio Marques Seixas.

VERANISTAS

Para Vassouras: — o dr. Abilio Gomes, senhora e filho; o coronel Reynaldo Rodrigues Seixas e familia.

Para Lambary: — a viuva general Albuquerque de Souza e a senhora Antonieta de Souza Braga; as sras. Adelaide de Moraes e Esther Palmeira; o dr. Lemos Fleming; o coronel Lindolpho Fernandes; o dr. Antenor Mury e senhora; o dr. João Marcondes Netto; as sras. Geralda Borges, Ildefonso Dutra e Novis.

❋

Para Petropolis: — o barão e a baroneza de Saavedra; o casal Pedro de Mello (Sabugosa).

DIPLOMATAS

A festa de maior destaque, offerecida ao general Balbo e seus companheiros de *raid* foi, sem duvida alguma, o notavel baile com que o embaixador da Italia e a gentilissima senhora Cerruti deram nos formosos e acolhedores salões da Embaixada nas Laranjeiras.

Em torno do Embaixador e da Embaixatriz da Italia, para homenagear os heroicos aviadores da grande travessia transoceanica, reuniram-se as figuras mais prestigiosas do nosso mundo official, do corpo diplomatico e da nossa alta sociedade.

CARNAVAL

Approxima-se o Carnaval e os cartazes vão annunciando os festejos em honra de Rei Momo.

Já para amanhã o Praia Club annuncia o seu primeiro festejo.

Senhora Ida Ferreira, da nossa sociedade.

E' um banho de mar á fantasia no Posto 4, defronte da sua séde social, com o concurso de grande numero de fantasias, ranchos, grupos e cordões.

Haverá premios para a fantasia mais original e o melhor cordão ou grupo.

O banho terá inicio ás 8 horas, annunciado por uma banda de clarins.

— O Fluminense F. Club fará realizar um bello baile segunda-feira de Carnaval, no salão do Gymnasio.

— O Botafogo F. C. dará tambem lindo baile no domingo de Carnaval nos salões de sua séde.

— O Tijuca Tennis Club annuncia o seu baile de Carnaval para o dia 12 nos salões do Hotel Gloria.

PELAS SERRAS

Que encantamento vae pelas serras! Quanto ouro, quanto azul!

Que dias maravilhosos de luz! Que brisa acaricadora! E quanta gente formosa e fina a movimentar-se nessas pitorescas montanhas!

E vão se passando os mais deliciosos dias, n'uma vertigem de divertimento. Ha alegria em cada canto; ha movimento em todos os caminhos.

Em Caxambú reina alegria em todos os logares. Quem entra no Hotel Avenida sente que ali está presente uma parte bem grande do nosso *grand-monde*. Ha alegria, ha distincção.

A' hora das refeições o salão é um encanto. Vae-se annotando: a senhorinha Maria de Lourdes Mello, os jovens Evaristo e Abelardo Guedes, Carlos Alberto Rothier; o capitalista Ignacio Uchôa; o coronel Vidal, as senhorinhas Vidal; a sra. Maria Vidal Monnerat; os srs. Nicolino e Dante Zagari e assim, com um mundo de gente elegante, um recanto de alegria.

Em Friburgo vive-se pelo prazer de seus bosques, de suas fontes, de suas praças.

Lambary com o seu maravilhoso parque, onde num mesmo ponto se encontram captadas todas as aguas, numericamente designadas — faz com que commodamente se passem dias deliciosos, calmos, felizes.

Cambuquira e S. Lourenço são fertilissimas em momentos alegres que proporcionam aos que lá se acham.

Dansa-se, joga-se, passeia-se a pé, a cavallo ou de charrette, fazem-se pic-nics, emfim um delirio de movimentação e de alegria.

Petropolis, a magnifica cidade azul, é verdadeiramente a que está mais animada. Ainda na semana que findou, com a visita ali do general Balbo e dos seus companheiros de "raid" a Cidade das Hortensias vibrou. Toda Petropolis sorriu. Todas as ruas se viram movimentadas e uma alegria muito sadia invadiu todos os corações.

Além de outras homenagens que lhes foram tributadas destacaram-se o *cock-tail* realisado no Grande Hotel e o almoço do Hotel da Independencia, onde estiveram presentes o alto mundo veranista e petropolitano.

Domingo ultimo, houve outra bella reunião, com o lançamento da pedra fundamental da Escola de Musica Santa Cecilia.

Para Fevereiro proximo a Prefeitura está organizando a sua Primeira Feira de Amostras, o que decerto constituirá mais um motivo de elegancia para a formosa cidade serrana.

O almoço offerecido pelo Exmo. Nuncio Apostolico ao general Balbo. Vêem-se á direita de monsenhor Aloisi Masella os srs. embaixador da Italia, conde de Affonso Celso e general Tasso Fragoso, e á esquerda os srs. general Balbo, Epitacio Pessôa, general Valle e almirante Bucci. De pé, monsenhor E. Lari, auditor da Nunciatura, entre tres officiaes aviadores italianos.

A procissão do Padroeiro da Cidade

Aspectos da grande procissão annual de São Sebastião que, partindo da Cathedral Metropolitana, percorre as principaes ruas do centro da cidade. Ao alto destas linhas, o andor do glorioso martyr, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

FINANÇAS DO PRIMEIRO REINADO

POR ESCRAGNOLLE DORIA

Na actualidade as finanças brasileiras preoccupam attenção geral, dentro e fóra do paiz. Os de dentro querem concertar a machina financeira; os de fóra, fornecedores antigos de peças para o machinismo e para os machinistas, desejam saber como funccionará a machina.

Vamos nós, curiosos se desentendidos, saber um pouco o que outr'ora succedeu com as finanças patrias, dependendo a prosperidade dos erarios publicos da bôa politica, vigente ainda celebre formula do barão Louis.

Em principios de 1821, já rei, partia para Lisbôa D. João VI, aqui chegado principe regente ou procurador da corôa materna. Deixara-nos livres de facto e pouco tempo correria até o sermos de direito. Aos soluços de D. João VI, desamparando o Brasil contra vontade, corresponderia pouco depois grito de alegria, o do Ypiranga.

"Independencia ou Morte" ouviram os campos paulistas e o riachinho celebre. Tivemos a independencia, mas com a morte das finanças, porque ao cofre do real erario de D. João VI sobrava espaço e faltava dinheiro.

Desde 1810 estava a verifical-o um brasileiro, bem brasileiro, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, a mineira S. João d'El Rei, futuro marquez de Baependy, escrivão do real erario cuja penna devia estar habituada á palavra *deficit* e por latina não deixa de ser cruel a necessitados.

Nogueira da Gama foi talvez o primeiro a annunciar ao Brasil achar-se elle "á borda do precipicio", locução com o vagar do tempo trocada pela de "á beira do abysmo", de curso até agora.

Indicava Nogueira da Gama os meios de satisfazer as despesas do Estado "sem o ruinoso systema de antecipção de rendas sem o temivel, pessimo e fatal recurso do papel moeda".

Nogueira da Gama foi talvez lido, não ouvido. O homem de gelo para a verdade é fogo para a mentira e para a illusão. Inaugura-se, porém, o primeiro reinado. Somos ricos de independencia, pobres de prosperidade. Volta Nogueira da Gama a reproduzir o gesto de 1812 "a despeito da intriga e da cabala — confissão d'elle — ousando rasgar o espesso e mysterioso véu do Real Erario". Estuda de novo a situação financeira do paiz, do seu paiz, pede ao poder publico "não estranhe a demora para apresentação do resultado de suas meditações, por depender de contas immediatamente pedidas ao Thesouro."

Ajunta estudos Nogueira da Gama aos esforços dos primeiros ministros da Fazenda do primeiro reinado, Miranda Montenegro e Martim Francisco, este creando administração na mesa do consulado para fiscalizar impostos, sobretudo tabaco e café.

O balanço financeiro de 1823 diz-nos pela primeira vez, como gente e nação, qual a nossa receita ordinaria e extraordinaria, quasi quatro mil contos; qual a despesa, perto de cinco mil. Annuncia o nosso primeiro *deficit* de nação, novecentos contos, na época terceiro ministro da Fazenda o antigo escrivão do Real Erario, Nogueira da Gama.

Despesas urgiam e compromissos, sirvamo-nos do sentido figurado, batiam á porta. Satisfazer umas e outras sem pecunia é problema mais temeroso que o da quadratura do circulo.

O Rio de Janeiro conheceu pela primeira vez a praça de Londres com o nosso primeiro emprestimo externo de tres milhões de libras, em 1824. Era nosso ministro da Fazenda Marianno da Fonseca, então visconde de Maricá, o futuro autor das maximas, das raras que nos têm apparecido. Não damos para o genero indaguem psychologos porque.

Varios negociantes londrinos, apezar de promessa, deixaram de tomar duas terças partes do emprestimo de 1824. Figura financeira judaica apparece na vida economica da terra catholica de Santa Cruz. Nathan Mayer Rotschild, em 1825, chama a si os restantes dous milhões de libras do emprestimo de 1824, ministro da Fazenda Felisberto Caldeira, ou melhor Barbacena, um dos negociadores do emprestimo.

Em 1825, Portugal reconhecia a independencia do Brasil a troco de dous milhões de libras, tomando o novo imperio, para o pagamento da quantia, o emprestimo contrahido por Portugal em Londres em Outubro de 1823.

O balanço do nosso Thesouro, em 1825, accusava um *deficit* de quasi quatro mil contos, augmentados os soldos do exercito e da armada.

Em 1826, Nogueira da Gama, já senador, já marquez de Baependy, já redactor da Constituição do Imperio, tambem está na pasta da Fazenda, pela segunda vez. Como sempre, estuda finanças nacionaes, capitão de navio em perigo a calafetar rombos no prevêr naufragios.

N'esse anno de 1826 a Assembléa Geral não se occupa com o orçamento, difficultando os serviços nacionaes, echo no deserto o conselho do barão Louis: "dai-me bôa politica, dar-vos-ei bôas finanças". E o *deficit* ia subindo.

Em 1827 são ministros da Fazenda Maciel da Costa, marquez de Queluz, e Calmon, o vindouro Abrantes. Uma lei vem fundar a divida publica do Imperio, lei referendada por Queluz. Institue-se e cria-se "o grande livro da divida do Brasil", livro no qual tanta gente sem cabeça tem mandado escrever suas loucuras.

O marquez de Barbacena, principal gestor das finanças do primeiro reinado.

A primeira inscripção do grande livro, como divida publica fundada, foi o capital de doze mil contos, posto em circulação por meio de apolices de fundos, nenhuma inferior a quatrocentos mil réis.

Cumpria pagar os capitaes e os juros de qualquer divida publica fundada por lei. Creou-se para isso a Caixa de Amortização, forra do Thesouro.

O anno de 1827 registou o nosso primeiro saldo entre receita e despeza, saldo modesto de duzentos e vinte e seis contos, humilde para satisfação do *deficit* anterior. Algum dia gottas d'agua avolumaram oceano?

1828 parece raiar mais auspicioso, pelo menos o julgava o ministro da Fazenda, Calmon, assignalando o rapido progresso da exportação, o crescer das rendas publicas, cessada a guerra platina, sabido quanto as guerras devoram homens e comem dinheiro.

Começou o Banco do Brasil a emittir notas de mil réis e dois mil réis, e a multiplicar as de quatro e doze, por autorização legislativa.

Continuava a praça de Londres a ter vistas para o Brasil, para alli remettidos pelo nosso Thesouro, em cambiaes, duzentas e quarenta mil libras, entre o cambio de 47 e 51 1/12.

O parlamento de 1828 autorizou o governo a contrahir dous emprestimos internos, de quasi cinco mil contos, e o nosso segundo emprestimo externo, de quatrocentas mil libras, recorrendo-se a Nathan Mayer Rotschild.

O exercicio financeiro de 1829 a 1830 foi grande quadro de tintas sombrias. O *deficit*, superior a sete mil contos, punha em desequilibrio constante, na balança financeira, a concha receita e a concha despesa.

A moeda de cobre superabundava, muito falsificada e portanto depreciada. As notas do Banco do Brasil entravam em curso forçado, garantido o pagamento pelo governo.

A 2 de Abril de 1829, em sessão extraordinaria, escapando da vespera, do dia de enganar tolos, abria-se o parlamento ao qual dizia um topico da falla do throno sem razões de compridos ambages:

"Claro é a todas as luzes o estado miseravel a que se acha reduzido o thesouro publico, e muito sinto prognosticar que se nesta sessão extraordinaria e no decurso da ordinaria a assembléa a despeito das minhas tão reiteradas recommendações, não arranja um negocio de tanta monta, desastroso deve ser o futuro que nos aguarda".

Ouvidos á falla do throno, com o voto de graças respondia-lhe a Camara dos Deputados cujas discussões eram e sempre foram tapete de aggressão politica partidaria.

Não escapou á regra o voto de graças de 1829. Em emendas, aliás prejudicadas, varios deputados desabafavam.

Dizia emenda de Bernardo de Vasconcellos:

"A camara dos deputados lamenta que o ministerio a tenha reduzido á dura extremidade de não poder satisfazer as magnanimas intenções de Vossa Magestade Imperial, já negando-lhe expressamente as informações exigidas e já espaçando-as indefinidamente".

Emenda do deputado José Lino Coutinho ao voto de graças de 1829 formulava vehemente libello contra o poder executivo e tanto que lhe dizia: "Desta sorte, Senhor, se não se dér da parte dos administradores do Estado um firme proposito de serem mais economicos, e menos desperdiçadores das rendas publicas, que é o sangue da nação, de que servirão medidas legislativas sobre finanças, se nem as minas do fabuloso Potosi serão sufficientes para tamanho desleixo e prodigalidade?"

Entretanto a primeira legislatura do Imperio, finda em 1829, foi encerrada sem ser votado orçamento e sem elle não ha lar quanto mais nação bem organizada! Por isso o imperador encerrou a legislatura, com uma de suas imperiaes pedrices, dando como falla do throno as seguintes palavras:

"Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação. Está encerrada a presente sessão".

Em 1830 foi a Camara, ramo temporario do poder legislativo, renovada pela segunda legislatura, nascida no primeiro reinado para morrer na Regencia.

Coube a Barbacena, ministro da Fazenda, apresentar á nova Camara o relatorio das finanças nacionaes, só de phrases desalentadas, assim resumidas:

Deficit consideravel. Ruinosa circulação de papel pintado, trahio-nos a penna, queriamos dizer papel moeda, superabundancia prejudicial da moeda de cobre, cambio de arruinar, porque baixára a 24 calculadas as despezas externas ao cambio de 50.

Pedia o poder executivo a organização de orçamento e não o votou o poder legislativo. Encerrando a sessão legislativa ordinaria de 1830, a 3 de Setembro, convocada immediatamente sessão extraordinaria sobretudo para medidas financeiras.

A's reprimendas do executivo respondia o legislativo: "Mas abusos inveterados, males gravissimos, Senhor, não se extirpam num momento: tão grande e glorioso fim só poderá conseguir-se por largos e reiterados esforços de patriotismo, pelo mutuo accordo entre os diversos poderes politicos do Estado, e pelo exacto e pontual cumprimento de nossa lei fundamental".

Era de estylo ser levado ao imperador o voto de graças por uma deputação: a da sessão extraordinaria de 1830 teve por orador Bernardo de Vasconcellos. A' falla do orador costumava o soberano responder com phrase de cordialidade. D. Pedro I dirigiu-se a Bernardo com simples "fico inteirado". A' seccura d'este correspondeu o presidente da Camara quando lhe foi communicada a visita da deputação. Era de uso que o presidente da Camara respondesse á communicação dos ditos imperiaes amaveis com uma phrase de cortezia, declarando a resposta de Sua Majestade "recebida com muito especial agrado".

A' vista do "fico inteirado" o presidente da Camara de 1830 nenhuma observação fez. Calando-se, fallou muito alto.

Encerrada a sessão extraordinaria de 1830, os acontecimentos politicos foram se precipitando até o 7 de Abril de 1831, dia em que D. Pedro I abdicava, nomeando tutor "de seus amados e prezados filhos ao muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, seu verdadeiro amigo". Amava-o depois de turrar, é da vida.

Encerrava D. Pedro I o seu reinado, de aurora no Ipiranga, de coriscos de tijolo na noite das Garrafadas, ausentando-se de um Brasil que, em 1831, arrecadava além de vinte e dois mil contos e despendia mais de dezenove mil. Tivera o soberano por ultimos gestores da Fazenda o negociante José Antonio Lisbôa, Hollanda Cavalcanti e o marquez de Baependy — este, no gabinete de 5 de Abril de 1831, ministro nem dois dias.

Não poude errar, mal foi, bem que o despediram.

Escragnolle Doria

A Camara dos Deputados, na Cadeia Velha, no primeiro reinado

A MORTE DO CYSNE

— por Affonso de Carvalho —

Anna Pawlova morreu. E morreu tristemente, na capital da Hollanda, num dia de inverno, longo, feio, cinzento, salpicado de neve.

A famosa bailarina, indiscutivelmente a maior bailarina do mundo, cahiu doente para morrer. E na sua agonia, lenta e dolorosa, bem faz lembrar a morte de um cysne, nas scismativas tranquillidades das aguas hollandezas — um ligeiro estremecimento de corpo, um leve bater de azas — tal como innumeras vezes representou no palco, ao enternecido funeral da musica e á magia de azas brancas, palpitando á luz dos reflectores.

A maior creação da sua vida torna-se assim, por um capricho do Destino, a verdadeira imagem da sua morte...

Pawlova sempre deu a todos a impressão de um passaro divino, de azas invisiveis, de corpo imponderavel, que, sob a forma feminina, desceu á terra para alegria dos nossos olhos e espiritualização da fórma humana.

Não andou pelo mundo. Tocou-o levemente com a ponta dos pés... Toda a sua vida foi um bailado *de ponta*... Dansou, dansou muito desde a "Saison des Ballets Russes" até fins do anno passado. E como uma gaivota branca, que toca ligeiramente a terra e volta aos céus, alçou vôo novamente e desta vez para muito alto, para o além onde os anjos dão as azas a gloria da eternidade...

Se cabe á Russia a honra de ter feito na nossa época a revivescencia e a dignificação do bailado, restituindo-lhe o genio creador d'um poema mimico, é de justiça reconhecer que cabem a Anna Pawlova, desde que appareceu com Karsavina e Ida Rubinstein, as honras maximas da Dansa.

Nietzsche queria que tudo dansasse.

Pawlova, expressão suprema de belleza rythmica, foi a maior propagandista do desejo do philosopho. Dansou e ensinou a dansar. E, aos olhos maravilhados das platéas universaes, foi um compendio de choreographia desfolhado, pagina por pagina, na variedade musical de todos as dansas.

Pawlova voltou ao Rio em 1928. E com que saudade o Municipal evoca a sua figura e a revoada das suas discipulas! Recordemos um pouco...

Ha um minuto de febricitante expectativa... Descerra-se o velario. A orchestra toca. Ella apparece.

E apparece perturbadoramente... Revela-se logo aos primeiros passos, numa serenidade admiravel de movimentos. Dansa num capricho extravagante e bizarro. Córta o palco em todas as direcções. Anda, corre, vôa...

As gambiarras desdobram sobre o seu corpo uma gaze de luz macia e assetinada. E ella continúa dansando — correndo, fugindo... como uma aranha inquieta num aranhol de seda.

O seu corpo torce-se, destorce-se, contráe-se, distende-se, numa admiravel confusão de linhas curvas.

A's vezes, enlanguece docemente na serenidade rythmica do *Momento Musical* de Schubert.

Vezes outras turbilhona, emmaranha-se cahoticamente, num pandemonio de linhas rectas.

E toda a sua figura quebra-se, então, em inesperadas harmonias plasticas... Dá fórmas desconhecidas á figura humana. Os seus musculos se distendem numa elasticidade de molas. E a sua carne se plasma como gesso macio na mão desta divindade de rythmos — a Dansa...

Ha no seu corpo uma festa de movimentos, uma festa bizarra de principe hindú. Seu corpo fascina e arrebata numa convulsão de rythmos, num carnaval de fórmas.

...Pawlova agora está dansando numa luz amarella. Parece um passaro num quadro chinez, ócamente amarello.

Azul. Sua figura cobre-se de claridades cheias de doçura e leite. Volatiliza-se. Torna-se pluma. Torna-se um véo de Salomé, debatendo-se ao vento.

Côr de rosa. E é uma rosa, rolando pela grama dum jardim...

Verde. E, sob o docel desta luz selvagem, toma aspectos de serpente...

Vermelho. E' quando parece mais bella e decorativa. O reflector envolve-a num tom rubro de cratera, numa côr sensual e diabolica.

Dansa como uma brasa nas mãos de uma sacerdotiza do Thibet. Dansa... Um clarão mais vivo morde-lhe o corpo, transformando-o em labareda...

O Municipal, o mundo inteiro, guardam a inesquecivel lembrança da mulher-passaro, da mulher pluma...

Morreu Anna Pawlova.

A pluma immobilizou-se para sempre.

O passaro morreu, lentamente, num suspiro longo, num triste palpitar de azas...

Em memoria do martyr, onde pousou o heróe

A inauguração do monumento a Del Prete, realizada em Natal nos primeiros dias de Janeiro, permittiu que o humilde e valoroso povo praieiro da capital nordestina commungasse com o elemento official, com a elite, e com os marinheiros e aviadores italianos, no mesmo tributo de respeito e de admiração á memoria do martyr. Damos aos nossos leitores um aspecto dessa singela homenagem. Nelle se vê, em meio do povo, o general Balbo, que é o militar mais proximo da lapide affixa á base da Columna Romana, tendo á cabeça o seu kepi branco.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Os eternos "pingentes"

Ha muito ainda a fazer no Rio de Janeiro, no que diz respeito á policia de costumes.

Batem-se as mesmas teclas em vão; mas o *clama, ne cesses* dá forças para que se continuem as campanhas, embora ás vezes com a certeza do malhar em ferro frio.

Os "pingentes" nos bondes são cousa das mais incommodas. Dada a deficiencia, a certas horas, dos vehiculos, comprehende-se esse horror dos pingentes; o que ninguem, entretanto, percebe é que andem os bondes quasi vasios e com uma porção de gente dependurada no estribo, gente que se deita sobre os passageiros das pontas dos bancos e que leva muitos dos que ficam nos postes de parada, esperando conducção, á crença de que o bonde não tem logar...

A policia tem o dever de acabar com esse absurdo. Desde que haja um logar que seja, vasio, no bonde, não se poderá tolerar um unico passageiro no estribo.

O ideal seria conseguir-se o que já se conseguiu nos omnibus; mas, se isso é impossivel em todo o absolutismo, que ao menos se faça alguma cousa capaz de dar ao nosso povo bons costumes e maneiras consentaneas com os fóros de civilização que a nossa capital desfructa.

Cabe á policia essa bôa obra.

Realizou-se em dia da passada semana a ceremonia da posse do novo 2.º delegado auxiliar da Policia do Districto Federal, dr. Virgilio Barbosa Lima. O nosso cliché representa um aspecto dessa solemnidade, vendo-se a nova autoridade policial indicada por uma cruz, e tendo á sua direita o dr. Baptista Lusardo, chefe de Policia, e o dr. Edgard Ribas Carneiro, e á esquerda o dr. Salgado Filho e o dr. Barros Junior, respectivamente 4.º e 1.º delegados auxiliares.

A procissão de S. Sebastião em Nictheroy. A' direita, a sahida do andor de S. Sebastião da cathedral de S. João Baptista. A' esquerda, a grande massa de fieis diante da Cathedral durante a procissão.

A Noite Brasileira no Club Nacional

Um lindo flagrante colhido no Club Nacional durante a primeira noite brasileira realizada no prestigioso gremio. O Club Nacional — justificando patrioticamente o seu nome — instituiu a realização de uma hora de musica caracteristicamente nacional e de canções populares nas suas formosas domingueiras.

Aspecto do interior da igreja da Cruz dos Militares durante a missa em acção de graças mandada celebrar em regosijo á volta á Patria e ao reingresso nas fileiras dos officiaes exilados que tomaram parte na revolta do couraçado São Paulo. Vê-se á esquerda, na gravura, o almirante Conrado Heck, ministro da Marinha, tendo á direita o almirante Protogenes Guimarães, director da Aeronautica Naval.

Texaco Athletico Club

O baile com que o Texaco Athletico Club commemorou o primeiro anniversario da sua fundação.

Club Nacional

O Club Nacional, de fundação recente, vem se impondo victoriosamente á sociedade carioca e, no momento, affirma o proposito de justificar por completo o nome que adoptou. Assim é que, ha pouco, se reuniu a sua commissão de imprensa, para tratar de assumptos attinentes á divulgação e elevação das coisas brasileiras, notadamente no que concerne ás differentes manifestações de arte.

Nessa reunião ficou resolvido que nos serões dos domingos, que são um dos attractivos do Club Nacional, deverá haver uma hora de musica genuina e caracteristicamente brasileira, feita pelos grupos que a esse genero se dedicam, e senhorinhas da nossa sociedade cantarão ao violão as ultimas novidades em canções populares.

O Club Nacional, que surgiu sob os melhores auspicios, terá forçosamente de engrandecer-se com o esplendido programma que se traçou e que constitue um legitimo culto ao que é nosso, tão injustamente relegado e, no emtanto, tão merecedor do carinho que ora lhe vai ser prestado.

Homenagem brasileira ao general Balbo

A grande festa brasileira offerecida no Theatro Lyrico ao general Balbo e seus valorosos companheiros da travessia aérea do Atlantico. Os homenageados vêem-se em scena aberta, em companhia do general Balbo, com os diplomas de socios do Gremio dos Aviadores Nacionaes que lhes foram conferidos.

A COLONIA ITALIANA AO GENERAL BALBO

O banquete da colonia italiana ao general Balbo e seus companheiros de *raid* aereo e á officialidade dos cruzadores do grande reino do Adriatico surtos na Guanabara. Ao centro do grupo, o general Balbo, ladeado pelos srs. embaixador da Italia e almirante Bucci.

Graça Aranha

Graça Aranha foi sempre um estheta requintado, avido de emoções e de fórmas novas.

Dedicou-se ás letras com ardor estremado e, desde a sua primeira obra, não teve, por assim dizer, outra preocupação na vida. A carreira diplomatica, que o levou a Ministro Plenipotenciario, de certo não constituiu para elle mais que um simples dever. A sua attenção, o seu interesse, a sua intelligencia propriamente dita iam para a litteratura — ideal bem ingrato no nosso tempo e no nosso idioma, mas que nem por isso inspira aos que uma vez o sonharam menos fervorosa paixão.

Era nos intervallos das obrigações diplomaticas que Graça Aranha se sentia viver, com o talento, com o sentimento, com os nervos, integral e ditosamente.

Graça Aranha.

Foi nessas horas vagas, verdadeiramente laboriosas no sentido da inspiração fecunda e do esforço creador, que elle escreveu as paginas, tão sensacionaes no primeiro momento e depois tão discutidas, de *Chanaan*. Este romance que, tendo merecido a honra absolutamente excepcional dum longo artigo de redacção no *Jornal do Commercio*, alcançou um exito de livraria e de notoriedade como pouquissimos até então se teriam registado no Brasil — desde logo e nas condições mais victoriosas encaminhou o autor para a Academia Brasileira. Foi o que se pode chamar uma estréa triumphal.

Mas Graça Aranha não insistiu no romance como, após a representação da peça *Malazarte* em Paris, não perseverou no theatro. A sua indole de artista refinado a cada momento o fazia mudar de rumo, procurando, tentando outra coisa. Soffria duma especie de ansiedade innovadora. Na *Esthetica da Vida* ha capitulos que elle deu primeiramente á Imprensa e nos quaes pretendeu — e quiçá conseguiu — lançar theorias ineditas de concepção e de estylo, principios de arte e de philosophia nunca dantes concebidos. Isso mesmo elle o affirmava, sem philaucia nem modestia, serena, naturalmente. E tal era a sua convicção de poder abrir caminhos "differentes" ás letras brasileiras que um dia — data memoravel nos annaes do Futurismo, se este os vier a ter — emprazou a Academia Brasileira a acompanhal-o, sob pena de a abandonar elle, e para sempre.

O seu transporte reformador roubava-lhe a noção de ser a Academia fundamental, essencialmente o contrario do que elle pretendia, e chegava a occultar-lhe outra verdade ainda mais intuitiva e imperiosa: que em litteratura, em arte, ninguem faz aquillo que quer mas unicamente aquillo que não pode deixar de fazer. Foi esse cuidado extremo, essa idéa fixa do "novo" que restringiu o labor litterario de Graça Aranha a meia duzia de volumes. A sua producção era lenta e dizem alguns intimos que torturada. Quanto, porém, Flaubert se esforçava e penava pela conquista da clareza e da simplicidade, soffria Graça Aranha para realizar, em cada capitulo, o descobrimento duma esthetica... A sua obra não passou de meia duzia de volumes. Ha, porém, nella muitas paginas de nobre sentimento e belleza superior que merecem ser lidas e meditadas.

EXPOSIÇÃO EUCLIDES DA FONSECA

A inauguração da formosa exposição de pinturas de Euclides Fonseca, sob os auspicios da Associação dos Artistas Brasileiros e da Sociedade Brasileira de Bellas-Artes. Vê-se o expositor, assignalado, em companhia de artistas e figuras do mundo feminino.

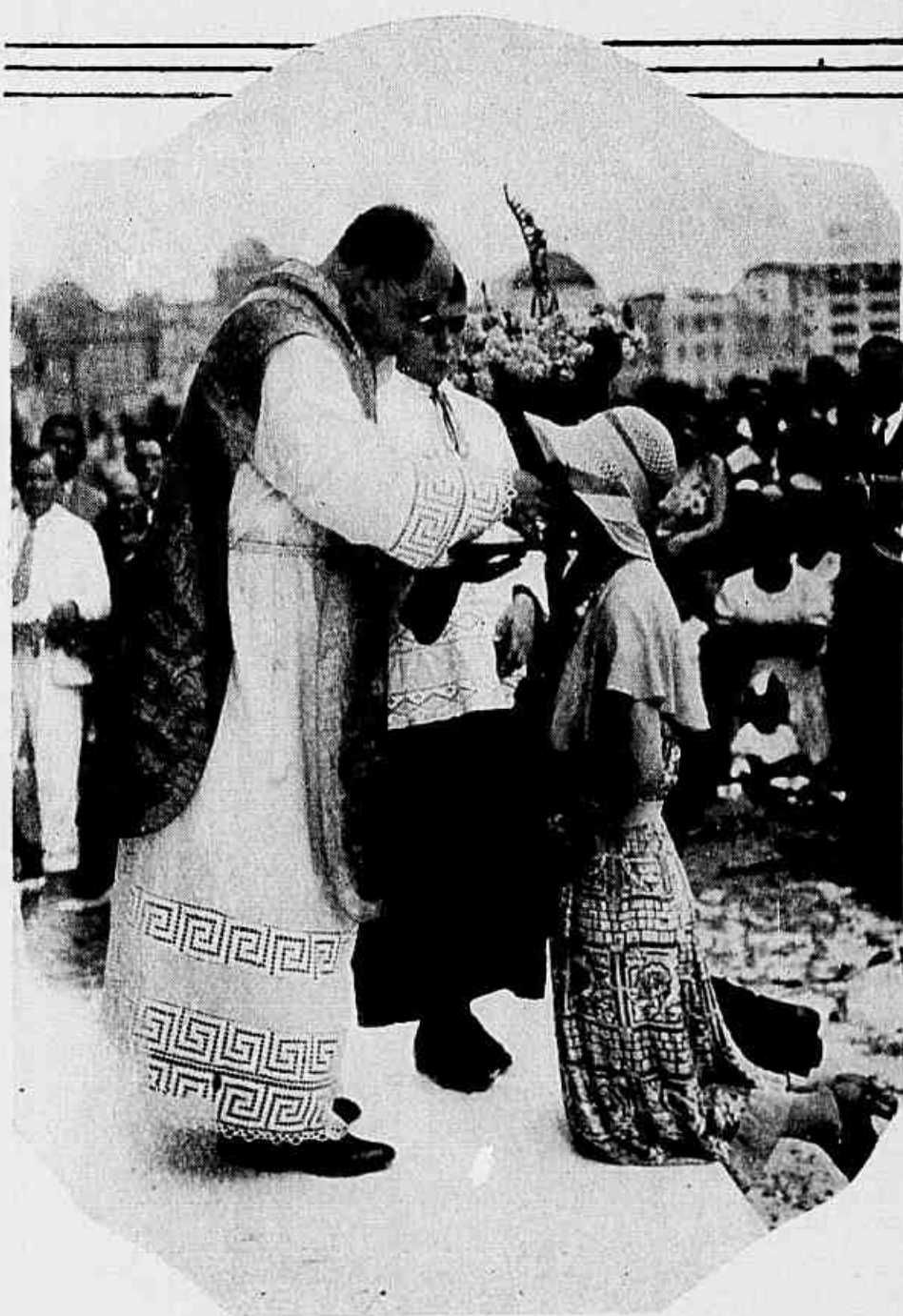
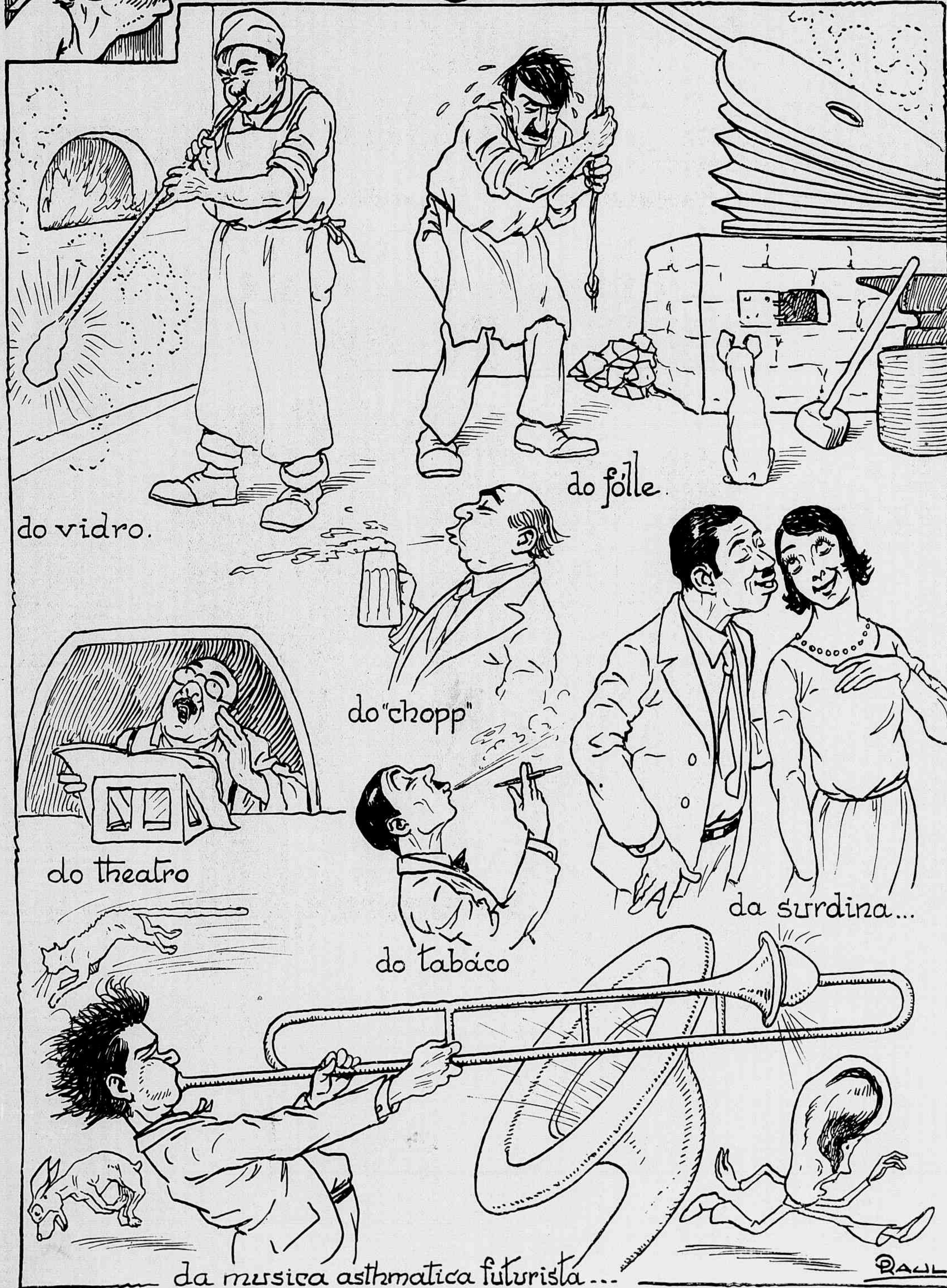
CLUB DOPOLAVORO

O baile realizado no Club Dopolavoro em homenagem ao general Balbo. O ministro da Aeronautica da Italia tem á esquerda, na photographia, a sra. embaixatriz Cerutti e o almirante Bucci.

PRO'-MATRE

As novas parteiras diplomadas pela Pró-Matre. Vê-se no grupo o dr. Arnt, paranympho, que tem á direita a directora dos serviços obstetricos.

São Sebastião

A inauguração, no adro do Convento de Santo Antonio, da placa á memoria de Frei Sampaio, por iniciativn do Centro Carioca. A placa que perpetuará a memoria do "grande carioca, propagandista da Independencia, frei F. de Santa Thereza de Jesus Sampaio" é de autoria do sr. Paulo Mazzuchelli. As restantes photographias representam tres aspectos tirados por occasião da missa em louvor de S. Sebastião realizada na esplanada do Castello. Officiou nesse acto, que foi uma das mais imponentes commemorações do dia do Padroeiro da Cidade, S. Ex. Revma. o sr. D. Mamede, bispo de Sebaste.

O SÔPRO...
do vidro.
do fólle.
do "chopp"
do theatro
da surdina...
do tabáco
da musica asthmatica futurista...
RAUL

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

A silhueta collante, alargando para baixo, domina. E' d'uma linha muito interessante: ajustadas nas cadeiras, a cintura alta, as blusas muito trabalhadas fazem valer as formas do corpo. A tunica-blusa descendo até o joelho, as basquinhas acentuando a esbelteza das cadeiras são os themas favoritos que se prestam ás interpretações mais diversas. Nervures, godets, babados e pregas, todos os meios são bons para disfarçar a roda da saia. Empregam-se enormemente as pregas duplas, largas e collocadas bastante baixas. Os babados, cuja graça é tão delicadamente feminina, agradam sempre. Umas vezes são plissados, outras vezes cortados en-forme ou então dispostos em godets. Muito blusados, muito caprichosos os corpinhos prestam-se a arranjos variados e fantasistas. As gollas são umas vezes drapées, amarradas na frente ou em *écharpes* flexiveis partindo do corpo e formando romeira; as pelerines formando mangas-babados, muito chics. Uma grande importancia é dada ás mangas, vendo-se agora mangas de todos os formatos. A manga-balão é vista frequentemente; certas mangas drapées, outras alargando para o lado de baixo. Vêem-se tambem mangas até ao meio da braço, que terminam com laços ou babados.

Com os vestidos de mangas curtas, surgiram novamente as luvas longas e flexiveis.

Deve ser mencionada especialmente a volta dos vestidos de lingerie. Nada é mais encantador que ver nestes dias de calor as mulheres com vestidos brancos e chapéus leves de palha.

A fantasia reina sem contestação nos vestidos da noite que fazem valer a graça dos decotes com os hombros nús. E' o triumpho das saias longas e de muita roda, delicadamente guarnecidas com franzidos, nervures, ninho de marimbondos e babados. A flôr reappareceu e põe sua nota muito feminina sobre todos os novos modelos.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de *toile* de seda ou de linon, as pregas são pespontadas até uma certa altura. O bolero e os babados que as formam são terminados em bicos. 2 — Vestido de voile de salpico; saia cortada en-forme. Pequenos babados plissados guarnecem a saia e as mangas curtas. 3 — Vestido de fustão ou linho de fantasia, mangas kimono. Golla e gravata de tecido liso. 4 — Vestido de shantung ou de linho, a saia guarnecida com grupos de pregas. O corpo do vestido finge casaco. Gravata de seda de fantasia. 5 — Vestido de voile de fantasia, guarnecido com tiras applicadas e babado com grupos de pregas.

Conselhos sociaes

ENGANAR A IDADE

Uma noticia vinda de Roma que com certeza passou desapercebida a muita gente; tem no emtanto muita graça para o espirito observador. E' a seguinte, resumida em algumas linhas.

No ultimo recenseamento da população, os encarregados dos serviços de estatistica tinham sido surprehendidos pelo numero consideravel de velhos que declaravam ter passado os noventa annos e mesmo ser centenarios. Tiveram a ideia de fazer uma pesquiza particular sobre esses declarantes e foi com grande surpreza que constataram que a maior parte tinha se envelhecido benevolentemente. "Tomaram, accrescenta a tal noticia, medidas severas para impedir essas falsas declarações no proximo recenseamento."

Talvez na Italia, onde reina um regimen de imperiosa autoridade, se consiga impedir essas fraudes innocentes. Em toda parte, estamos certos, esbarrar-se-á numa teimosia invencivel.

Com effeito, a faceirice da idade reina, mais que qualquer outra, mas de duas maneiras exactamente contrarias. A mais frequente, todos a conhecem. Consiste em rejuvenescer-se exageradamente, em rejuvenescer-se contra toda a evidencia e contra todo o bom senso, chegando mesmo ao absurdo de enganarem o proprio medico que as trata.

Mas, ao lado das pessôas que se rejuvenescem absurdamente, ha pessôas idosas que têm uma outra faceirice, mais rara, mais subtil, que as faz envelhecerem-se. Nos homens talvez seja ainda mais commum essa mania que nas mulheres. Attribuindo-se cinco ou dez annos mais do que têm realmente, essas pessoas parecem dizer: "Vejam como estou bem conservado para a minha idade! Vejam como estou agil e forte!" E pensam assim attrahir o respeito e admiração dos mais jovens.

E' uma mania innocente essa de enganar a idade, que no emtanto irrita a tanta gente. Ha pessôas que têm um verdadeiro prazer em fazer calculos para provar exactamente quantos annos tem a pessoa que esconde zelosamente a sua idade. E' uma maldade, a não ser que essa pessôa, que encobre a sua idade e a dos seus, se preocupe no emtanto com a idade das outras pessôas. Parece incrivel, mas é este um facto que se póde observar muito a miudo: pessoas que tomariam como a peior das offensas que se referissem á sua idade não só falarem na idade dos seus conhecidos como augmental-a com muita facilidade.

Nossa alimentação

JANTARES QUE FICARAM CELEBRES PELO SEU GRANDE PREÇO

O sr. R. Black, dono d'um hotel em S. Francisco (Estados-Unidos), tinha feito uma aposta de organizar, á razão de 10.000$000 por cabeça, um jantar cujo *menu* seria digno desse preço.

Coisa promettida, coisa devida. O jantar já teve lugar com um *menu* muito bem escolhido.

Alem dos hors-d'oeuvre (primeira entrada), em grande quantidade, via-se figurarem no *menu* trutas importadas do Egypto, codornizes especialmente engordadas para a occasião, uma variedade especial de petits-pois francezes d'uma producção muito limitada e um bolo de foie-gras com purée de cereja; emfim o clou da festa: uma aldeia suissa... em nougat, com montanhas, chalets, lagos,

Moda - Infantil

N. 1 N. 2- N. 3- N 4 N 5- N 6

1 — Vestido de voile beige e verde, panneau en-forme na frente. 2 — Vestido de linho vermelho, saia com grupos de pregas, blusa de linon branco. 3 — Vestido de linho azul claro, saia en-forme.' No corpo uma longa pala que na frente é guarnecida com botões de crystal. Gravata de fantasia, azul com pintas brancas. 4 — Vestido de toile de seda rosa claro, saia plissada. Gravata de crêpe da China branco plissado. 5 — Vestido de linho branco, guarnecido com pespontos vermelhos. Na frente raquettes e bolas bordadas com linha vermelha. Cinto de pellica vermelha. 6 — Vestido de toile de seda branca, guarnecido com viezes da mesma seda azul, a saia aberta dos lados mostra um calção de toile de seda azul.

igrejas etc., servido com duzentas cestas de frutas gigantes.

Foi necessario mais d'um mez para organizar esse banquete e seis homens trabalharam durante quinze dias para elaborarem a guarnição da sobremeza.

Com certeza esse Norte-Americano bateu o record do *menu* original e do preço. Mas na França, reino da gastronomia, conservaram a recordação d'alguns banquetes, celebres ao mesmo tempo pela delicadeza dos pratos e dos vinhos como pela somma que custaram.

E' historico o jantar chamado dos tres imperadores. Foi servido em Paris, no "Café Anglais", no dia 7 de junho de 1867; seus convivas eram o tzar da Russia, o tzarevitch, Guilherme I, rei da Prussia, e cinco gran-duques. O menu comportava sómente pratos da cozinha classica; o que fez o seu grande preço foram sobretudo os vinhos: havia um madeira, volta da India, 1846, um xerez 1821, um chambertin, um chateau-yquen e toda a escala dos "chateaux" celebres. A conta subiu á somma, consideravel naquelle tempo, de 120$000 por cabeça.

Mais proximo de nós, em 1898, e no mesmo restaurante parisiense, um jantar foi preparado para o rei da Inglaterra, Eduardo VII, e seus amigos. O rei não poude ir e delegou um lord para o representar. Eram vinte os convivas. Beberam 980$000 de chateauLaffitte. A somma total elevou-se a 7:660$.

MENU DE JANTAR

SOPA DE BOLAS, SUISSA

BACALHAU COM MOLHO DE ALCAPARRAS
PIRÃO DE BATATAS

BERINGELAS COM CARNEIRO

COSTELETAS DE PORCO COM MOLHO ROBERT
SALADA DE ALFACE

PUDIM DE MAÇÃ

SOPA DE BOLAS, SUISSA

Põe-se a cozinharem algumas batatas pequenas (de polpa amarella); descascam-se e esmagam-se passando n'uma peneira muito fina; faz-se derreter 125 grs. de manteiga; quebram-se dois ovos inteiros juntando mais duas gemmas. Põe-se de môlho 125 grs. de miolo de pão no leite; espreme-se bem em seguida; põe-se duas colheres de creme fresco (nata) ou de manteiga na falta deste, sal, pimenta, um pouquinho de noz moscada e massa de batatas. Mistura-se tudo muito bem e formam-se as bolas (pequenas). Deixa-se ferver um instante no caldo da sopa antes de servir.

BACALHAU COM MOLHO DE ALCAPARRAS

Põe-se para cozinhar o bacalhau depois de ter estado bastantes horas de môlho na agua. Em seguida são tiradas as espinhas e pelles, partindo-se o bacalháu em pedaços de tamanho regular.

Guarnece-se o fundo de um prato com uma massa feita com manteiga amassada com salsa picada e cebolas picadas, temperada com um pouco de pimenta; arruma-se em cima os pedaços de bacalháu e despeja-se por cima um môlho feito com leite, manteiga, farinha de trigo ou maizena. Desfaz-se nesse môlho uma enxova socada e junta-se as alcaparras.

BERINGELAS COM CARNEIRO

Pica-se muito miudo um pedaço de carne de carneiro com um dente de alho; tempera-se com sal, pimenta e põe-se para refogar na manteiga; quando a carne tomou côr, junta-se a polpa d'um tomate grande. Cortam-se as beringelas em fatias no sentido do comprimento e põe-se para fritar na manteiga ou no azeite. Quando essas fatias estão bem fritas, põe-se numa panella uma camada de fatias de beringelas, uma camada do picado de carneiro, e assim até acabar. Põe-se a panella em fogo muito brando durante uma hora, em seguida vira-se n'um prato e serve-se bem quente.

COSTELETAS DE PORCO COM MOLHO DE TOMATES

Depois das costeletas limpas são batidas, em seguida passadas na manteiga, depois na farinha de rosca misturada com salsa picada muito fina, sal e um pouco de pimenta; em seguida unta-se uma folha de papel com manteiga, envolve-se as costeletas e vão a assar numa frigideira. Conforme a grossura da costeleta, leva de vinte a trinta minutos para assar.

MOLHO ROBERT

Faz-se derreter um pouco de manteiga numa panella; põe-se dentro um pouco de farinha de trigo e cebolas cortadas em rodellas. Assim começarem a tomar um pouco de côr junta-se caldo de carne, sal, pimenta e um bouquet de cheiros; deixa-se ferver até que as cebolas estejam bem cozidas; côa-se, junta-se um pouco de mostarda e um filete de vinagre, e serve-se quente.

PUDIM DE MAÇÃS

Descascam-se as maçãs, em seguida são cortadas em quatro e tirado o centro. Põe-se para cozinhar com a casca d'um limão, em seguida passa-se por uma peneira; junta-se á massa um pouco de manteiga de fecula e o assucar que fôr necessario para adoçar. A panella vae para o fogo brando durante uns 20 a 30 minutos, mexendo-se para que não pegue no fundo. Despeja-se num alguidar e, assim a massa estiver fria, misturam-se alguns ovos inteiros, unta-se uma fôrma com manteiga e vae cozinhar em banho-maria. Vira-se o pudim n'um prato e serve-se quente.

Vestido de linho azul; as pregas duplas da saia terminam na pala em bicos. Cinto de pellica azul escuro.

PENSAMENTO

A alegria é a acceitação da vida e o signal da coragem.

Henry Duvernois.

COM A INAUGURAÇÃO EM SÃO PAULO D'ESTA FABRICA MODELO ESTÃO DE PARABENS AS DONAS DE CASA DO PAIZ INTEIRO . . . . .

OS MAIORES FABRICANTES DE SABÃO DO MUNDO DESDE HOJE FABRICAM AQUI TAMBEM OS DOIS PRODUCTOS DE FAMA UNIVERSAL "LUX E SUNLIGHT"

PARA AS MIMOSAS ROUPAS DE HOJE . . . SÓ A PUREZA DO „LUX"

Lux é o producto que revolucionou os maiores centros da moda e que agora inicia no Brasil uma era nova no methodo de lavar roupas finas.
Feito em forma de maravilhosas escamas que possuem o magico effeito de conservar como novas as suas roupas de seda, a sua mimosa lingerie e as suas lindas meias, o Lux é o expoente maximo da lavanderia moderna.
Simplificando ao extremo a maneira de lavar, o Lux pode ser usado pela creatura mais delicada sem o menor esforço e sem causar o mais leve damno ás mais fidalgas mãos.
Além disso, a abertura de uma fabrica no Brasil possibilita a offerta desse producto a preços grandemente reduzidos sem que a excellencia de sua qualidade tenha sido affectada.

O SABÃO DE MAIOR VENDA NO MUNDO

Nenhum sabão tão puro foi feito até os nossos dias. Onde quer que seja, lhe reconhecem o valor: "NENHUM TÃO BOM COMO O SUNLIGHT!" E essa pureza tem uma base concreta; é assegurada por uma garantia de **40:000$000**. Importa isto dizer que o "SUNLIGHT" pode ser usado com a certeza de que as roupas nada soffrerão e que as mãos serão poupadas dos riscos que correm com as materias causticas. Sendo agora fabricado no Brasil, a visita do sabão SUNLIGHT aos lares nacionaes será recebida com dobrado jubilo.

S.A. IRMÃOS LEVER
SÃO PAULO BRASIL

FO 1 Bz.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Toilette de crepe *georgette* azul turqueza; na saia os *panneaux en-forme* são plissados. Flôr de fantasia no hombro. 2 — *Ensemble* de crepe *georgette* preto; a saia *en-forme* termina em cima por pregas muito finas. Rosas côr de rosa no peito. 3 — Toilette de crepe *georgette* rosa claro, saia *en-forme*, a parte de cima do vestido bordada com bolas de prata. 4 — Toilette de tafetá azul claro com *bouquets* de rosinhas côr de rosa. 5 — Vestido de crepe *georgette* verde muito claro, guarnecido com babados *en-forme*. Rosas vermelhas enfeitam o vestido.

O estrabismo

As causas do desvio dos olhos são multiplas: deixemos primeiro de lado as convulsões da primeira infancia, ás quaes erradamente se attribuiu uma grande importancia. Não se deve dar tambem grande importancia á opinião muito vulgarizada que faz depender o estrabismo da posição dada á creança no seu berço: se uma luz lateral muito intensa pudesse produzir o estrabismo, não se comprehenderia porque os dois olhos não se desviariam na mesma direcção. Deve ser tambem afastada a opinião, sustentada por alguns observadores, de que o estrabismo é o resultado d'um desvio a principio voluntario por imitação.

As principaes causas do estrabismo são as ametropias dos olhos, quer dizer defeitos de accommodação: myopia, hypermetropia, estigmatismo.

A influencia da hereditariedade é tambem admittida, e o estrabismo deve ser considerado como a manifestação d'uma tara nervosa e um signal de degenerescencia.

O mal é muito raramente congenito. E' na idade de quatro ou cinco annos que se começa a ficar vesgo.

O desvio para dentro dos olhos ou estrabismo convergente é muito mais frequente que o estrabismo externo. O estrabico convergente é a maior parte das vezes um hypermetrope, quer dizer que tem a vista curta, de maneira que os raios parallelos formam o seu foco atrás da retina. A myopia é excepcional nesses casos.

O estrabismo convergente, uma vez declarado, persiste em geral emquanto o tratamento não intervem para restabelecer o equilibrio. Acontece no emtanto, ás vezes, que esse estrabismo desapparece na idade adulta. Citam-se mesmo casos de curas obtidas sómente pela força de vontade. Mas essas curas obtidas pela força de vontade são excepcionaes.

O desvio para fóra dos olhos, ou estrabismo externo ou divergente, é raro; encontra-se sómente cinco vezes em 100. Constitue uma enfermidade mais desagradavel que o estrabismo convergente. Na grande maioria dos casos, este estrabismo é devido a myopia.

Uma especie de estrabicos curiosos a conhecer são os estrabicos alternantes convergentes, geralmente creanças muito pequenas.

Nessa variedade, umas vezes é um olho que fica vesgo, outra vez o outro; os doentes dizem que podem olhar indifferentemente com um olho ou com o outro.

Em todas as variedades do estrabismo, a primeira indicação é corrigir pelos vidros apropriados a visão anormal, que quasi sempre foi a causa.

Para o estrabismo convergente ligado a hypermetropia, usar-se-á vidros convexos. Para o estrabismo externo acompanhando a myopia, corrigir-se-á com vidros concavos, cujo numero o medico oculista terá que determinar.

N'um e n'outro caso, se o estrabismo é recente, deve se proceder á gymnastica dos musculos do olho, que é uma pratica efficaz.

Consiste sobretudo em fazer trabalhar o olho desviado, no duplo fim de combater o desvio obrigando a fixação, e em prevenir, pelo uso, seu enfraquecimento. Para isso, cobre-se o olho são com um lenço amarrado ou colloca-se diante delle um vidro baço que ponha obstaculo á visão.

No estrabismo alternante convergente das creancinhas, a tapagem alternativa de cada olho por um lenço, uma vez sobre o olho direito, outra vez sobre o esquerdo, é sufficiente muitas vezes para a completa cura.

Quando as creanças são ainda muito pequenas é empregado em geral um collyrio usado para esse fim, mas de que não damos a receita porque deve ser determinada pelo medico especialista, podendo haver casos em que não deva ser empregado e que só o medico é competente para verificar.

São tambem empregados com muito resultado pelos medicos especialistas uns oculos com vidros transparentes sómente na metade do campo visual que se quer exercer; por conseguinte, no estrabismo interno a metade externa do vidro é transparente.

Os exercicios estereoscopicos constituem egualmente um util meio de tratamento. O estereoscopio tem por effeito estimular a tendencia á visão dos dois olhos. E' um verdadeiro instrumento orthopedico. E' necessario no emtanto que a pessôa estrabica seja bastante intelligente para comprehender bem o esforço que se exige della e ao que deve tender esse esforço. E' um tratamento inapplicavel ás creanças pequenas e sempre muito longo. Forçando-se a esses exercicios estereoscopicos durante uma meia hora todos os dias, póde-se esperar a cura, lá para os doze annos, começando o tratamento aos oito annos, tendo a creança ficado estrabica aos quatro annos.

Os meios precedentes bastam muitas vezes para obter a cura completa, antes da idade de oito a nove annos, quando chegou a occasião de fazer a operação.

A paciencia e a intelligencia variavel dos doentes prejudicam muito o seu bom exito; mas de todas as maneiras esses exercicios diminuem o gráu do estrabismo, evitam a sua progressão, facilitam e garantem o successo operatorio, e duplicam o resultado esthetico do restabelecimento da visão dos dois olhos. Esses exercicios deverão mesmo ser continuados durante um certo tempo depois da operação e podem suppril-a algumas vezes quando de todo não se pode ser operado.

Na intervenção cirurgica, propõe-se remediar o defeito de equilibrio dos musculos do olho encurtando certos tendões.

Os resultados da operação são extraordinarios, mas só naquelles que se fazem operar até os vinte annos: depois dessa idade já não tem em geral o mesmo exito.

❁

Piedade, santa doçura de amar aquelle que soffre.

E. Haracourt.

Vestido para a noite de tafetá de fantasia, bolero e saia en-forme.

Vestidos para a noite

1 — Toilette de *mousseline* azul claro com bolas de diversos tons de azul, saia guarnecida com grupos de pregas. Grande laço do proprio tecido no hombro. 2 — Toilette de crepe-setim rosa claro, *panneaux en-forme* dos lados. O decote atrás é guarnecido com rosas amarellas com o centro rosado. 3 — Vestido de crepe *georgette* amarello claro, a saia *plissada*. Tiras do proprio tecido mantêm as pregas e amarram-se na frente em laços. 4 — Toilette de crepe *georgette rose-Patou*, saia *en-forme* guarnecida com um pequeno babado tambem cortado *en-forme*. *Bouquet* de flôres no hombro e *écharpe* do mesmo tecido do vestido. 5 — *Manteau* curto de crepe mongol vermelho; toilette de *mousseline* verde muito claro com grandes desenhos vermelhos.

A rainha Alexandrina da Dinamarca

Raramente, duas irmãs criadas juntas tiveram um destino tão differente como as filhas do gran-duque Francisco III de Mecklembourg e de Anastacia Michailovna, granduqueza da Russia.

A mais velha, Alexandrina-Agostinha, é actualmente rainha da Dinamarca e teve com o casamento as alegrias da vida de familia e o amor d'um povo fiel.

A segunda, Cecilia-Maria, passou por todas as afflicções da guerra e soffreu tudo que um coração de mulher póde soffrer. Casada com o kronprinz Guilherme, dessa união só teve desgostos e decepções.

Ao lado dessa existencia atormentada, que doçura se sente ouvindo falar da vida simples e tranquilla da rainha da Dinamarca...

E' tambem só dessa que nos vamos occupar hoje. Alexandrina nasceu em Schwerin, no dia 24 de Dezembro de 1879. Parece que essa data, feliz entre todas, trouxe felicidade para a creança que abriu os seus olhos innocentes na mesma hora em que a divina creança que quiz nascer numa estrebaria.

Tres annos mais velha que seu irmão, aquelle mesmo que deveria ser o gran-duque Frederico Francisco, passou em Palermo a primeira parte da sua infancia, regressando a Schwerin algum tempo antes do nascimento da sua irmã Cecilia. Parece que as alegres cidades do litoral mediterraneo tenham tido uma benefica influencia sobre o destino dessa princeza, porque foi em Cannes que ella encontrou

A rainha Alexandrina.

aquelle com quem se devia casar, o principe Christiano da Dinamarca.

Foi em Cannes que se realizou o casamento no dia 26 de Abril de 1898. Sob o lindo céu azul da Rivera, entre as flôres e os perfumes da primavera, a noiva radiante passou envolvida nos seus véus, deixando na recordação daquelles que a puderam admirar a visão d'uma creatura perfeitamente feliz. O futuro não desmentiu o que promettia o presente.

Christiano, feito rei depois da morte do seu pae, mostra-se não sómente o melhor dos principes como o mais affavel dos maridos: nenhuma nuvem veiu toldar o céu daquelle casal que poderia ser citado como exemplo a mais d'um casal burguez.

Dois filhos vieram ainda estreitar mais os laços desse casal modelo: o principe Christiano Frederico, nascido no dia 11 de Março de 1899, e o principe Knud, nascido no dia 27 de Julho de 1900.

Quando indagam dos Dinamarquezes o que pensam da sua soberana, a resposta é invariavelmente a mesma: "Nossa rainha é a bondade em pessôa: muito doce, acolhe a todos com a mesma benevolencia, porisso é universalmente querida".

Timida por natureza, a rainha Alexandrina teve que fazer um grande esforço para dominar seu acanhamento: actualmente ninguem mais percebe a sua timidez.

Bôa pianista, assiste a todos os concertos e segue com grande interesse as representações theatraes, não se dando o mesmo com as ceremonias officiaes, a que assiste por obrigação.

A rainha tem uma verdadeira paixão pelo bordado. Muito habil nesse genero de trabalhos, interessa-se por tudo que diz respeito aos trabalhos de agulha de maneira especial e não falta a nenhuma exposição desses trabalhos.

A familia real reparte seu tempo entre as residencias de Amalienborg, castello situado na capital; Sorgenfri, perto de Lyngby; o castello de Iredensborg; Marselisborg, perto de Aarhus, e emfim Klitgarden, perto de Skagen.

E' nesta pequena cidade, situada na ponta norte da Dinamarca, que o rei possue uma casa de campo pela qual sua esposa e elle têm predilecção especial. Esta casa, cujo nome de Klitgarden significa *propriedade das dunas*, reune todos os verões os membros da familia real. Vê-se o rei Christiano X fazer seus passeios de bycicletta, a rainha passar sorridente no seu carro, que ella mesma conduz.

Os soberanos têm muitos amigos em Skagen: recebem e pagam visitas como modestos particulares. A simplicidade da casa real da Dinamarca é proverbial; sabe-se com que carinho o velho rei Christiano abria sua casa a todos os que pertenciam a sua familia. O actual rei fez questão de conservar esses costumes patriarchaes: á sua mesa reune muitas vezes os membros dispersos da sua familia através das côrtes européas.

E' ajudado nessa tarefa pela rainha Alexandrina, que é a dona de casa mais affavel.

Para aquelles que a conhecem bem, é impossivel não citar as suas qualidades de mãe que fazem, dessa rainha, a amiga dedicada dos seus filhos, que lhe dedicam uma grande affeição.

As abelhas e as suas lendas

Todos sabem que as abelhas fabricam o mel com o succo das plantas e o pollen das flôres, um pouco para a sua subsistencia, mas sobretudo na intenção das recemnascidas que, no momento da eclosão, estarão providas d'uma alimentação saborosa e fortificante.

A colmeia abriga uma *rainha*, a qual tem por incumbencia o cuidado de perpetuar a raça. Podem pôr até 3.500 ovos por dia; os machos são em geral uns cem por colmeia; não trabalham: as *operarias*, co-

mo o seu nome indica, occupam-se com os trabalhos da colonia; formam uma população de 15.000 a 20.000 individuos; este numero é as vezes duplicado quando nasce um enxame.

A rainha é a alma da colmeia, e sua morte provoca um luto geral: os trabalhos são suspensos, o ninho abandonado, e as abelhas que não morrem de desgosto tornam-se com facilidade a presa dos outros insectos.

❧

O nosso fito não é repetir o que diz qualquer livro de zoologia, mas citar alguns traços curiosos que esclarecem a psychologia da abelha, á qual poucas pessôas estão dispostas a conceder o sentimento.

Ver-se-á até que ponto este insecto é capaz de reconhecimento, de dedicação e de fidelidade: a antiguidade rendeu-lhe uma justa homenagem.

Alguns homens celebres tiveram pelas abelhas uma affeição sem limites, e tiveram a satisfação de verificar que ella era retribuida.

Orosius conta que os habitantes de Tanli lhes tinham dedicado verdadeiro culto; uma lei prohibia formalmente o commercio do mel, e todo aquelle que fosse accusado de ter provocado a morte d'uma abelha era punido com a prisão ou condemnado a pagar uma multa.

Atacados pelos seus inimigos, os Talinezes, que eram em menor numero, pediram auxilio á coragem das suas abelhas: essas não foram ingratas; atiraram-se sobre o inimigo no momento em que este tentava o assalto da cidade, provocando assim a sua derrota.

Os Suecos, que tinham cercado Andernach, foram afastados por enxames de abelhas que lhes foram lançadas do alto das muralhas.

E' evidente que a actividade maravilhosa das abelhas não revela sómente o instincto, são capazes de reflectir e de calcular. Ao apoio dessa affirmação, pode-se dar o testemunho do sr. Bonnier, do Instituto.

Estando na sua casa de campo, o sr. Bonnier, uma noite, collocou um quadradinho de assucar de beterraba perto d'uma colmeia; no dia seguinte de manhã, uma operaria descobriu-o e apressou-se em ir communicar ás suas companheiras. Depressa, um vae-vem extraordinario operou-se entre a colmeia e o pedaço de assucar, que as abelhas nunca tinham visto sob essa forma solida e que ellas no entanto adivinharam.

Como fazer para carregar aquelle bloco? As mandibulas das operarias trabalhavam em vão... Impossivel partil-o.

As abelhas, um momento, voaram indecisas...

De repente, pareceram ter tomado uma decisão: com a ajuda do seu papo, foram buscar agua n'um poço visinho, despejando-a sobre o pedaço de assucar, que não tardou em se desagregar. Quando se tornou um xarope espesso, aspiravam-no e dez minutos mais tarde não havia nem mais signal delle.

❧

Muito dedicadas aos donos que tratam bem dellas, as abelhas tornam-se extremamente familiares.

O sabio inglez Wildman apresentou-se um dia na Universidade de Plymouth com tres enxames de abelhas, que tinha disposto da seguinte maneira: o primeiro estava suspenso no seu queixo e parecia uma barba; o segundo estava collocado sobre seus hombros, e o terceiro dentro dos seus bolsos. Mandou collocar as colmeias desses insectos n'uma sala vizinha e deu um assobio: a este signal, cada enxame foi para a sua colmeia; um segundo assovio fez com que voltassem a tomar o seu lugar sobre o sabio. Esse exercicio repetido diversas vezes provocou a admiração dos membros da Universidade e da Sociedade de Agricultura, que nesse mesmo anno conferiu ao sr. Wildman a sua mais alta recompensa.

❧

Um apicultor de Saint-Péravy possuia umas cincoenta colmeias; sua filha, que tinha dezoito annos, cuidava das colmeias com todo o carinho, tanto assim que nenhuma abelha era capaz de a picar.

Um dia, que o apicultor tinha ido a Orléans, um vagabundo entrou em casa delle e exigiu que a jovem lhe désse dinheiro; esta amedrontada deu-lhe uma moeda de cinco francos; percebendo que a moça estava com receio delle e se encontrava só, o homem tornou-se aggressivo e a jovem para fugir delle correu para o jardim.

O vagabundo seguiu-a.

Apavorada, teve subitamente uma inspiração: refugiou-se junto das colmeias. O sujeito, que não suspeitava do perigo, não

Guarnição bordada para toalhas, guardanapos etc.

Este desenho para angulo, d'um lindo effeito decorativo, é d'uma extrema facilidade de execução. Guarnece toalhas, guardanapos, centros de meza e almofadas d'uma maneira muito interessante. Por exemplo, numa toalha de linho branco as flôres grandes são bordadas a ponto de haste ou de cadeia com linha vermelho claro, o centro (ponto matiz) com linha do mesmo tom mais escuro, as flôres menores em dois tons de azul, as folhas com linha verde e o fundo do bordado com linha preta. Este fundo póde deixar-se de fazel-o.

VESTIDOS PARA O VERÃO

1 — Vestido de crepe da China lilá rosado. A saia formada por quatro babados com *godets*. 2 — Vestido de *linon* verde claro, guarnecido com pregas duplas e grande pala. Cinto de verniz verde. 3 — Vestido de crepe da China com desenhos beige e azul. Frente de crepe *georgette* branco. 4 — Vestido de linho amarello claro, saia com pregas duplas. Tiras applicadas e botões de madreperola. 5 — Vestido de crepe da China marron com desenhos de varias cores. Golla de crepe *georgette* branco.

tardou em alcançal-a; mas apenas tinha tocado nella que uma verdadeira nuvem de abelhas o assaltaram e foi precisa muita energia para conseguir fugir, sendo atrozmente mordido por todo o corpo.

Informado, logo que chegou, do que se tinha passado durante a sua ausencia, o apicultor preveniu a policia.

O vagabundo foi descoberto num campo proximo junto d'uma arvore, mas em tão lastimavel estado que teve de ser levado para um hospital de Orléans onde veiu a fallecer das numerosas picadellas que tinha recebido.

⁂

Em diversos pontos da França, mas sobretudo na Normandia e na Bretanha, quando morre alguem numa propriedade de camponezes, envolvem as colmeias com um véu de luto: se não fizerem isso estão convencidos de que o enxame morrerá.

No districto de Chateaulin (Finisterra) o luto das colmeias dura um anno inteiro.

Para que as colmeias não sejam roubadas, põe-se na Westphalia no caixão d'um morto, um pouco de mel e de cera.

Na Sualia, quando as abelhas estão preguiçosas são censuradas e ellas attendem, diz a lenda; e diz ainda mais, nesse mesmo lugar, que morrem quando seus donos não se dão bem e que ellas fogem das casas dos avarentos.

Os Berrichons dizem que um enxame mudado na vespera de Natal não dá mais mel. No Wurtemberg, na época da mudança dos enxames, pronunciam diante das colmeias as seguintes palavras:

"O' bôa rainha! fica entre nós, far-te-emos presente d'uma nova casa na qual á vontade produzirás a cera e o mel com os quaes poderás presentear as igrejas e conventos".

E' geralmente admittido, nos Pyrineus, que aquelle que possue colmeias não deve partir em viagem no dia de Nossa Senhora das Candeias, porque se o fizer verá na proxima primavera fugirem seus enxames.

Mas, ao lado dessas superstições conservadas pela tradição popular, quantas historias commoventes podem contar os observadores sobre esse insecto laborioso!

⁂

Por exemplo, esta anecdota para acabar:

Uma senhora idosa possuia uma propriedade de recreio perto de Nantes, onde passava a primavera. Ella gostava muito das abelhas e n'um ponto especial tinha mandado construir dez colmeias.

Tinha expressamente prohibido o seu feitor de privar as abelhas do seu mel. Quando vinha á sua propriedade, as abelhas manifestavam uma grande alegria: voavam em volta da senhora, e esta, encantada, punha ao seu alcance doces e fructas que ellas muito apreciavam.

Mas uma occasião, no fim do mez de Julho, uma doença obrigou a senhora a ir para Nantes, para tratar-se.

Foi então entre Nantes e a casa de campo um vae e vem continuo de abelhas: esses insectos appareciam, cada um por sua vez, a saber noticias da doente.

Quando a janella do quarto estava aberta, entravam e iam pousar-se sobre o cortinado da cama, quando estava fechada, manifestavam sua presença batendo nos vidros. Durante doze dias que durou a doença da senhora, os insectos continuaram com as suas visitas.

Na noite que seguiu o decimo segundo dia, a senhora expirou.

Por um instincto incomprehensivel, no dia do enterro, todas as abelhas estavam juntas do caixão; tiveram todas as difficuldades para enxotal-as, as abelhas tendo picado muitos dos presentes; mas num dado momento, como se tivessem recebido uma ordem todas se retiraram para junto d'uma janella. E quando sahiu o caixão seguiram-no até o cemiterio.

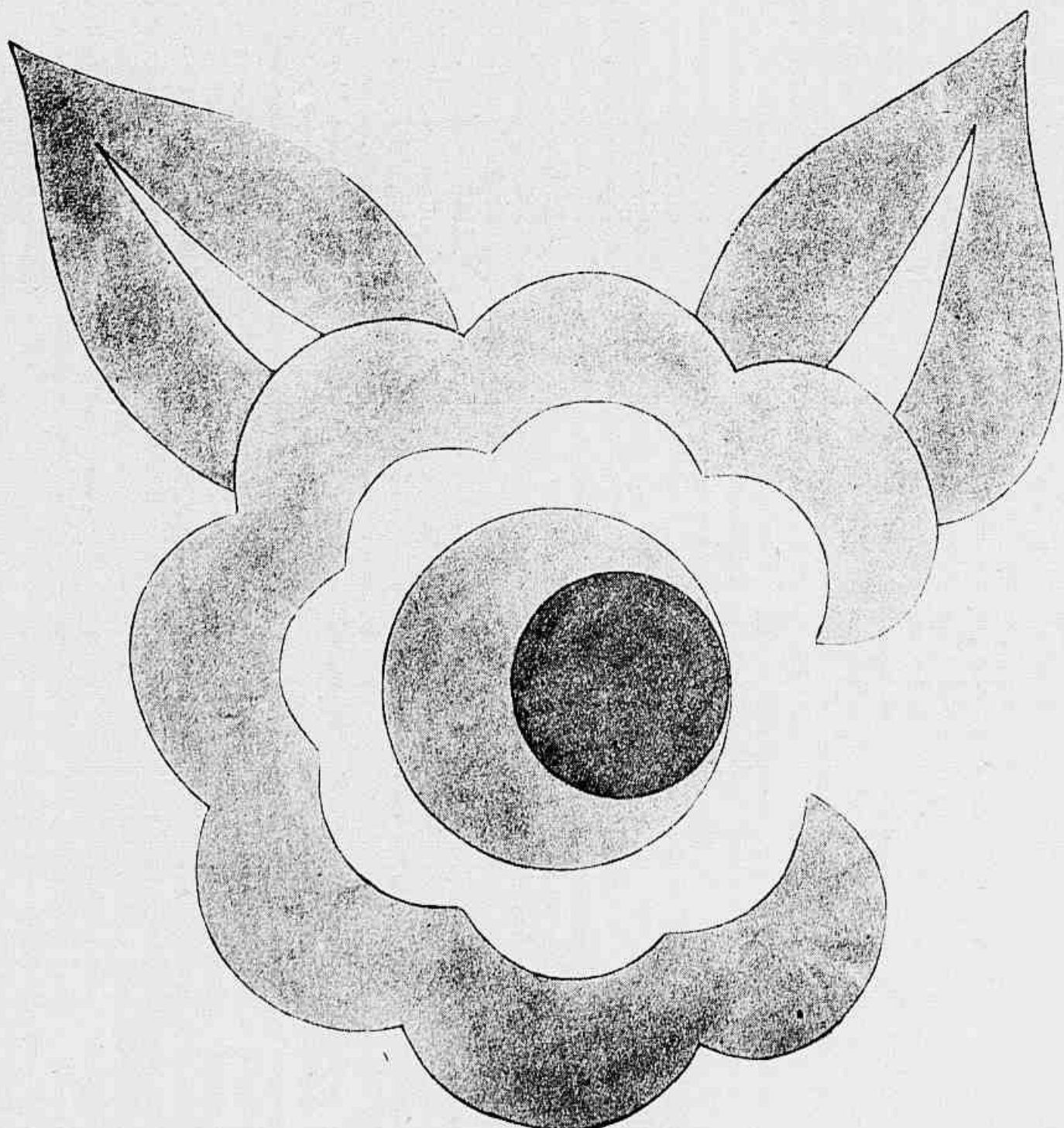
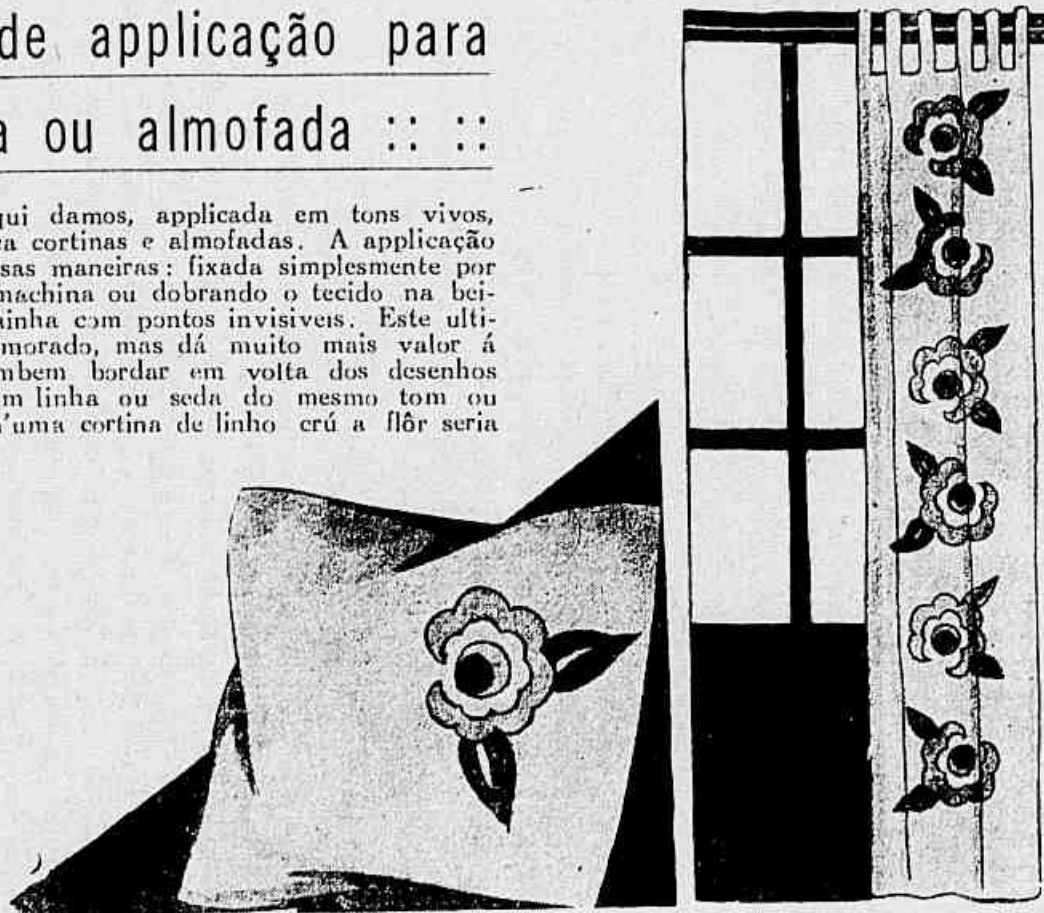
O feitor, tendo alguma duvida sobre a identidade desses insectos, foi a toda a pressa na casa de campo e constatou a ausencia das abelhas. Foi sómente no fim do dia, lá para as oito horas da noite, que ellas voltaram para as colmeias.

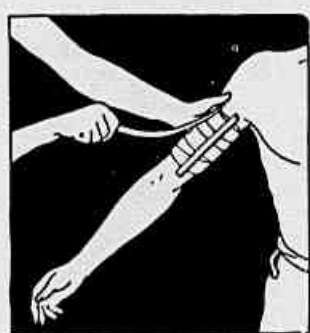
Tocante prova de agradecimento. Se não é verdade foi no emtanto bem arranjada.

Pensamento

Que importam os thesouros do mundo ao verdadeiro amor? Todas as alegrias, todos os esplendores estão no nosso coração quando amamos.

Guarnição de applicação para :: :: cortina ou almofada :: ::

A flôr moderna que aqui damos, applicada em tons vivos, decora com muita graça cortinas e almofadas. A applicação pode ser feita de diversas maneiras: fixada simplesmente por um pesponto feito na machina ou dobrando o tecido na beirada e fazendo uma bainha com pontos invisiveis. Este ultimo systema é mais demorado, mas dá muito mais valor á guarnição. Pode-se tambem bordar em volta dos desenhos um ponto de festão com linha ou seda do mesmo tom ou preta. Por exemplo, n'uma cortina de linho crú a flôr seria cortada no linho azul, a rodela no linho d'um tom de azul mais vivo e a roda de centro azul escuro, as folhas no linho verde. Numa almofada de setim rosa claro, uma grande flôr de velludo de tres tons de roxo com as folhas cortadas no velludo verde ou preto. Pode-se variar ao infinito as combinações de côres para essa guarnição.

PENSAMENTO

O amor é uma gotta celeste que cahiu dos céus, dentro da taça da vida para disfarçar a amargura.

Preceitos de hygiene

A TRANSPIRAÇÃO

Para que o nosso organismo realize o equilibrio que é a saude, é preciso que elimine os toxicos que o sobrecarregam. Essa limpeza quotidiana é feita pelos rins, pela superficie pulmonar e pela pelle. Esta apresenta um numero infinito de glandulas que segregam a transpiração.

Suar é uma funcção necessaria; suar é alliviar a tarefa dos outros orgãos eliminadores.

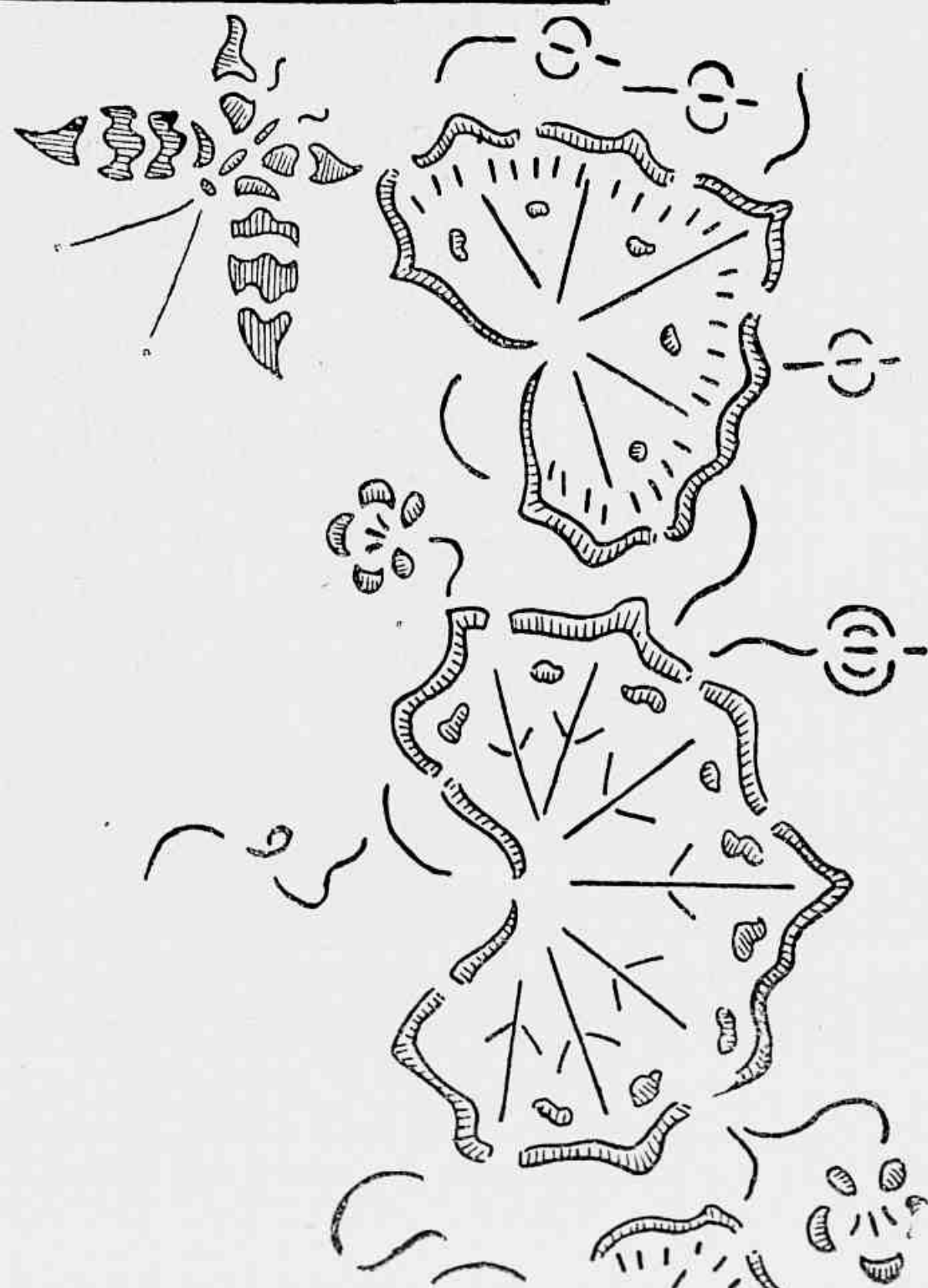
Mas é um erro pensar que a transpiração produzida pelo grande calor ambiente é uma transpiração desintoxicante: é apenas deshydrante, o que quer dizer que o que sae é só agua.

As toxinas ficam. A transpiração util é aquella que acompanha o trabalho muscular; é a unica que elimina os toxicos, a unica que economiza o vigor do nosso figado e dos nossos rins.

Não devemos esquecer que para conservação da nossa saude a transpiração é necessaria, afim de combater o envenenamento constante que resulta da nossa alimentação e tambem das offensivas microbianas: é nisso, no fundo, que está todo o problema da mocidade prolongada. Os nossos orgãos estão feitos para ir até um certo limite de cansaço, variavel segundo a resistencia de cada um. Cada vez que passamos esse limite, damos um passo para a velhice.

Fazer funccionar a pelle para descansar as cellulas renaes e hepaticas. Um dos grandes beneficios dos sports é a transpiração que provocam. Para ter bôa saude, dizia um grande medico, deve se ganhar a vida com seus musculos. Visava com essa declaração todos os sedentarios cuja hygiene é fatalmente deploravel.

Transpirar, com uma transpiração provocada pelo exercicio, é enxotar a doença. Procura-se bem longe os segredos da longevidade. A boa transpiração é um d'elles!

Toalha bordada para almoço ou chá

A toalha e guardanapos são feitos com linha cinzento claro, as folhas que formam a guirlanda são bordadas com dois tons de verde e as borboletas com linha azul brilhante. Uma bainha aberta termina toalhas e guardanapos, os panninhos redondos são terminados por uma rendinha de crochet feita com linha cinzenta.

Mme. Selda Potocka, especial'sta diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6 — 1.º andar — Copacabana.

Mme. P. — O cuidado com os dentes deve começar muito cedo, porque elles são grandes auxiliares da saude e belleza. Algumas gotas do meu dentifricio em meio copo de agua conservam a saude das gengivas e a belleza dos dentes. A pasta limpa, clareia e conserva o esmalte. Encontra os meus preparados para os dentes na Casa Novidades em Santos.

Olimpia — Essas manchas podem produzir-se com extrema rapidez. O tratamento differe conforme a doença da pelle, o que torna impossivel estabelecer regras geraes. E' uma das poucas doenças da pelle peculiares a uma determinada época da vida. E' conveniente que eu examine a sua pelle. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

Lia — Quem se entrega a trabalhos manuaes tambem pode ter mãos brancas e macias. Para ter as unhas lindas é necessario todos os dias afastar cuidadosamente a epiderme que está em volta d'ellas com *Crême de Massagem*, laval-as com o sabonete *Sylkale* e, depois de bem enxutas, polil-as com *Brilho das Unhas*, que evita a formação das manchas brancas. De vez em quando cortal-as e limal-as. Para tornar as mãos macias e delicadas, antes de deitar applique a *Loção de Embellezar a Pelle*. E' um prazer apertar uma mão bem tratada.

Rosalina — O verdadeiro fim do banho é eliminar todas as exsudações da pelle; para isto é precisa agua morna e o sabonete *Sylkale*. Depois da lavagem deve friccionar o corpo com *Perfume Selda* para activar a circulação e corrigir a flacidez dos tecidos.

SELDA POTOCKA